

Jandira Costa

**A PAISAGEM DE LUANDA.
VERSO E REVERSO DA BAÍA.**

**Dissertação
Mestrado em Arquitetura**

JULHO, 2015



Jandira Costa

**A PAISAGEM DE LUANDA.
VERSO E REVERSO DA BAÍA.**

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Arquitetura, realizada sob a orientação científica do Arq. Filipe Sousa Silva.



Declaro que esta Dissertação é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

Porto, de de

Declaro que esta Dissertação se encontra em condições de ser apreciada pelo júri a designar.

O orientador,

Porto, de de

AGRADECIMENTOS

Ao meu marido e ao nosso filho.

Aos meus pais e à minha irmã *Julie*.

A todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a concretização
desta tese.

RESUMO

A BAÍA DE LUANDA E O SEU REVERSO

Jandira Costa

PALAVRAS-CHAVE: Luanda, paisagem, unidade de paisagem

RESUMO

Este trabalho propõe o estudo de uma unidade de paisagem urbana localizada no centro da cidade de Luanda. A definição de paisagem torna-se fundamental para a compreensão e reconhecimento das características físicas e simbólicas da área de estudo. No âmbito da investigação, a definição de paisagem é dada pelos fundamentos de base da Convenção Europeia da Paisagem, a qual define de forma clara o seu significado. Neste sentido, entende-se a paisagem intrínseca à atividade humana (pelos seus factores humanos) e como factor que agrega as formas naturais da terra (pelos seus factores naturais). Escreve-se sobre paisagem do ponto de vista espacial; o ponto de vista do arquiteto. É nesta condição que persiste o desejo de conciliação entre paisagem e arquitetura, agregada à clara consciência da necessidade de partilha de propósitos.

O trabalho passa por duas fases distintas em que, na primeira, faz-se uma breve apresentação do lugar. Na segunda fase, definem-se os conceitos chave associados a esta temática, partindo para uma análise mais detalhada da paisagem, segundo a sua estrutura, identidade e significado. A análise conduz-nos ainda para a construção de uma ideia de cidade que prevalece no imaginário colectivo. Para onde nos transporta a paisagem do centro de Luanda? Nesta acepção, a memória é vista como uma continuidade temporal, uma linha que nos conduz à estrutura urbana do centro cidade de Luanda, através de vínculos identitários que se estabelecem pelo reconhecimento e apropriação de lugares marcados na memória.

É sobre estes contextos que será analisada a paisagem da área de estudo como um símbolo de cultura, memória e história.

OBJECTIVO DA DISSERTAÇÃO

Os objectivos da presente Dissertação de Mestrado refletem-se na síntese de conhecimentos adquiridos ao longo do curso de Arquitetura. Incide-se no tema de paisagem e arquitetura, em que é analisada uma unidade de paisagem urbana situada no centro da cidade de Luanda, mais especificamente, a paisagem da Baía de Luanda.

Pretende-se definir o conceito das unidades paisagísticas e perceber em que contextos se diferenciam das unidades de paisagem urbanas, prestando especial atenção às características físicas e simbólicas da paisagem. Procura-se identificar o elemento central da unidade de paisagem urbana, pela determinação do seu carácter e dos seus limites, segundo os seus elementos icónicos mais relevantes. Toma-se o centro como objeto que dá unidade e que existe sempre associada aos seus elementos. Enuncia-se o carácter como uma noção que se apresenta como fundamental para a compreensão das unidades paisagísticas. O lugar como objecto natural, portador de um carácter específico, o qual produz determinados efeitos ao seu observador.

É também objectivo deste trabalho, estabelecer uma análise da identidade, estrutura e significado da unidade de paisagem em estudo, enquanto representação de uma imagem colectiva. Toma-se uma imagem concreta da unidade paisagística, de modo a perceber como se fixa na memória dos habitantes. O que nos ocorre quando pensamos nas paisagens das cidades? Que imagens e que símbolos da paisagem, vão possibilitar que nos reconheçamos e nos identifiquemos no interior das cidades? É importante notar que a articulação destes conceitos com o tema do trabalho, consiste numa correspondência extremamente importante, na medida em que permite a compreensão do território em si. Neste sentido, não se pretende com este trabalho restringir o pensamento apenas à paisagem visível a olho nu, mas ir mais além, de forma a registar os significados por detrás da paisagem. Por isso nos interessou focar em elementos da paisagem com um elevado potencial natural e um forte valor simbólico.

Por último, pretende-se que, através da representação gráfica, se esclareçam os propósitos deste trabalho, isto é, a espacialidade e dinamismo da paisagem da área de estudo. Interessa-nos que o resultado gráfico não resida propriamente na apresentação do desenho em si, mas antes naquilo que tenta traduzir relativamente ao modo como se constrói a paisagem.

ÍNDICE

Introdução.....	1
Capítulo I: Estudo de caso.....	5
I.1. Luanda — Uma cidade de frente para o mar.....	7
Capítulo II: Estrutura conceptual.....	19
II.1. Paisagem.....	21
II.1.2. Unidade de Paisagem.....	31
II.2. Definição do objecto:	
A Baía de Luanda — Um Panorama.....	41
II.2.1. Estrutura.....	43
II.2.2. Identidade.....	79
II.2.3. Significado.....	87
Conclusão	
Bibliografia	95

INTRODUÇÃO

O presente trabalho incide sobre o tema da "Paisagem e Arquitetura". Trata-se de um tema periférico, que não é central no campo disciplinar da arquitetura. No sentido de compreender como se dá a relação entre arquitetura e arquitetura paisagista, tornou-se importante para este trabalho perceber os limites dos diferentes campos disciplinares, de modo a termos presente a especificidade de cada uma delas.

Aborda-se o tema da paisagem tendo em vista a sua aplicação em Luanda. Pensar em Luanda e na sua paisagem, passa pelo dever de reconhecer a sua morfologia tanto a nível físico, como cultural e espacial. Passa pelo dever de pensar o lugar e no seu processo de como se faz cidade, interpretando o território de acordo com a sua realidade. Esta é, pois, a síntese do conjunto de transformações, fruto de um intenso processo de urbanização por que se está a passar, impulsionado em parte pelo fim do conflito armado que o país atravessou por longos anos. Pode-se considerar que estamos perante uma ruptura entre o pós-guerra e a atualidade, cujo desejo é de uma cidade a funcionar apropriadamente para o conjunto da sua população, dando hipóteses de um bem-estar colectivo. Contrariamente, as sequelas da guerra civil espelham-se nos profundos desequilíbrios que se evidenciam por todo o país. É perante este quadro, em que as atenções se voltam para o restabelecimento do país e recomposição económica do mesmo, que pretendemos falar da paisagem do centro histórico de Luanda.

O trabalho encontra-se subdividido em dois grandes capítulos: o Estudo de Caso e a Estrutura Conceptual. No primeiro, faz-se uma breve apresentação da área de estudo. Entender o lugar, no qual se insere uma unidade de paisagem, passa por compreender a origem da paisagem do centro de Luanda, a determinação dos seus traços e do seu tecido que se foi consolidando arbitrariamente por força das ações de renovação. Serão revisados os elementos estruturaram a paisagem em estudo ao longo dos tempos, assim como o modo de ocupação e expansão da cidade colonial.

No segundo capítulo, definem-se conceitos chave associados ao tema, nomeadamente a definição de paisagem estabelecida pela Convenção Europeia da Paisagem e de unidade paisagística. Nesta última abordagem, apontam-se as diferenças entre unidades de paisagem existentes em meio unicamente natural e

as que se inscrevem numa envolvente que conjuga elementos naturais e construídos. Parte-se para a definição do objecto, numa análise mais detalhada da paisagem, de acordo com a sua estrutura, identidade e significado. A estrutura, refere-se aos elementos que compõem a unidade paisagística, associados a um centro que lhes dá unidade. Tomam-se os elementos não apenas pelo seu potencial icónico, mas também como componentes que conferem um sentido de coerência e lógica da unidade. A identidade, por sua vez, vai operar segundo o carácter particular que configura os vínculos, marcas ou sinais do lugar. E, por fim, o significado, como sedimentação do lugar no universo da percepção global dos cidadãos.

A escolha do lugar explica-se pelo facto de este ser o atual centro e coração da cidade onde se encontra a Baía de Luanda. É um centro urbano que cativa pelo valor da sua paisagem; que nos permite chegar próximo da ideia de unidade paisagística. É um espaço com uma forte densidade de cidade, onde grande parte dos equipamentos existem, levando as classes habitantes na periferia a dependerem da ligação com o centro da cidade. É um centro reconhecível pela sua constituição histórica, de uso e importância representativa, pois é a partir daqui que, desde o período colonial se expande e se faz cidade. É aqui onde podemos encontrar o seu ADN.

I. ESTUDO DE CASO

"Luanda é bem uma cidade atlântica. Sobe pelas encostas do vale em que se criou para ver o Atlântico, de mirantes surpreendentes, onde domina, em tardes de cacimbo, a perturbadora luz dos trópicos."

Henrique Galvão, 1952

(FERNANDES, 2009, p. 67)

1.

AUTORES: (Vários, 2005).

"Plantas de Angola de 1961".

Ano: 1961

Fonte: (FERRAZ, 2005, p. 39)



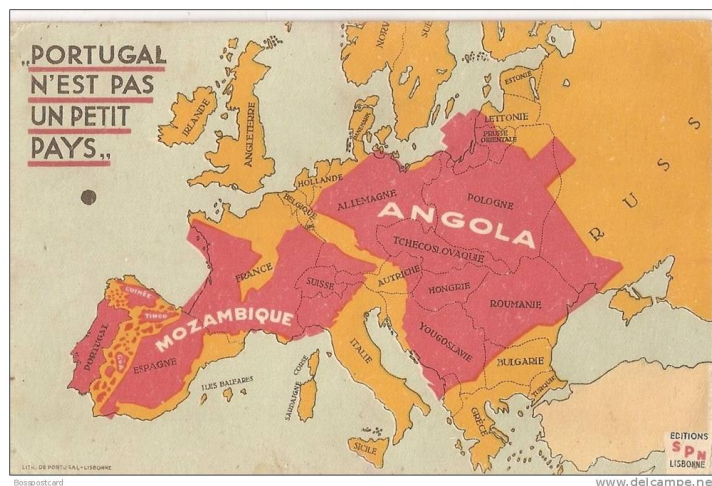
2.

AUTOR: Desconhecido

"Portugal não é um país pequeno" (ex-colónias portuguesas).

Ano: s/d

Fonte: (FONTE, 2007, p. 44)



I.1. LUANDA — UMA CIDADE DE FRENTE PARA O MAR

Como o próprio nome indica, a Baía de Luanda localiza-se em Luanda¹, capital de Angola, anteriormente também designada Loanda². É uma cidade-fortaleza, de frente para o mar onde desde sempre prevaleceu a presença de uma Baía e de uma ilha.

A origem de Luanda como cidade construída, está fortemente associada à presença da coroa portuguesa em território africano no período colonial. A cidade foi urbanizada sob cânones *luso-tropicalistas*³, sendo que "*em 1845, Luanda cuja urbanização datava do século XVIII, considerava-se a terceira cidade colonial de África ao sul do Sahara [...]*".⁴ Inicialmente é ocupada a Ilha de Luanda (1483)⁵ e só em 1576, quando os jesuítas se instalam no continente, se funda aquela que foi a primeira cidade portuguesa na região⁶, batizando-a de "São Paulo da Assunção de Luanda" pelo Almirante Paulo Dias de Novais⁷.

O desenvolvimento da cidade dá-se de uma forma lenta, adaptando-se à topografia do lugar. Fruto de um processo natural, conseqüente em parte das

¹ Vocábulo de origem kimbundu.

O angolano é António de Assis Júnior, para quem escrever Luanda com u é ponto assente sem lugar para duas opiniões [...] Refere ainda este autor que Luanda «quere simplesmente dizer aduana, direitos ou impostos alfandegários, lugar onde eles se cobram: mu luanda; lufuta luanda» [...].

Outros significados atribuídos ao vocábulo luanda são assinalados por Conceição [...] em Luanda (Mussuco) foi recolhido um tambor com esse nome [...] em Cabinda, por outro lado, corresponde ao nome de uma «divindade». Poderá significar também parte baixa, sendo gícito estabelecer a analogia com luando - esteira - e é esta a alternativa adoptada para a origem do nome de Luanda por autores do século passado. (CARVALHO, p. 61).

² "A partir de 22 de Abril de 1927 [...], passa a documentação oficial a utilizar a forma Luanda em substituição de Locanda, termo até aí empregado para designar a cidade. (AMARAL, 2000, p. 60).

³ Expressão utilizada na obra "Percurso da Modernidade em Angola" de Isabel Castro Henriques (HENRIQUES, 1997, p.110).

⁴ Ibidem.

⁵ A data da chegada à ilha de Luanda tem dado aso a muita controvérsia, uma vez que as fontes são discordantes, (AMARAL, 2000, p. 75).

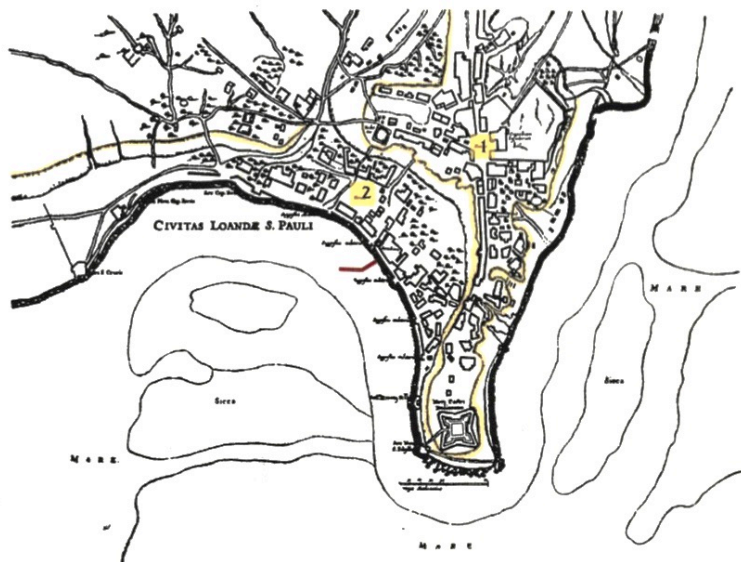
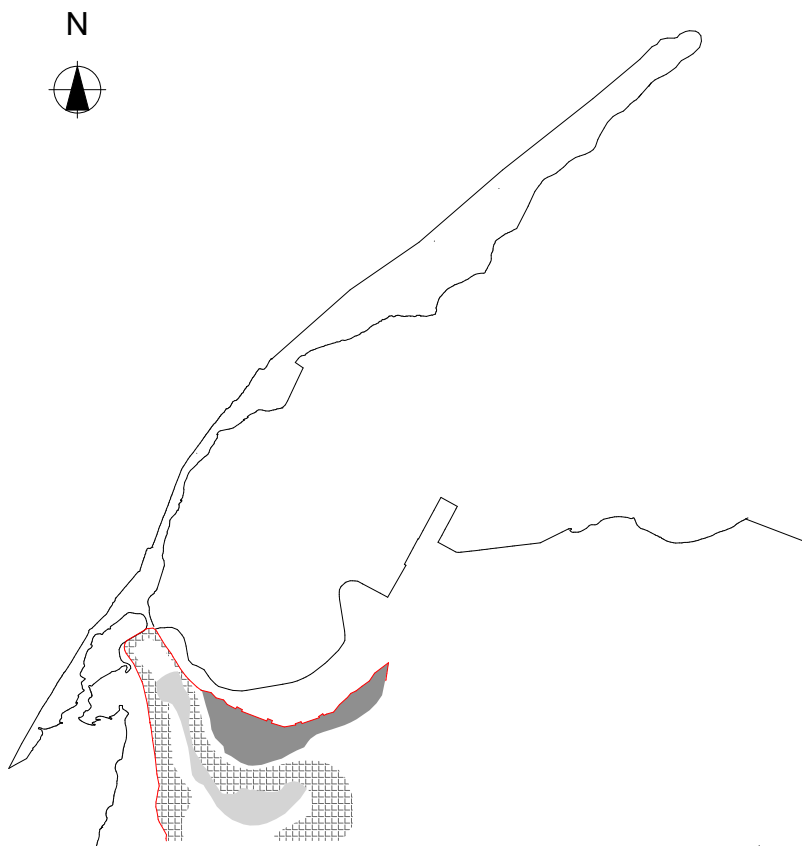
⁶ HENRIQUES, Castro Isabel, 1997 - Percurso da Modernidade em Angola. p. 112.

⁷ Neto do navegador Bartolomeu Dias. (CRUZ, 2012 p. 46).

3.
Esquema aproximado da estrutura da cidade colonial.

Legenda:

- Limite correspondente à atual cidade de Luanda;
- Limite correspondente à cidade primitiva colonial;
- ▣ Taludes naturais;
- Cidade Baixa (comércio e indústria);
- Cidade Alta (residências e construções religiosas).



4.

AUTOR: Barleau
Civitas Loanda S. Pauli
Ano:1647
Fonte: (FERRAZ, 2005, p. 109)

condições locais, passam a existir duas áreas distintas que vão dividir a cidade, constituídas por íngremes encostas que se desenvolvem até junto ao mar. Define-se uma designação para cada um destes sectores: a Cidade Baixa (de cariz comercial e industrial) e a Cidade Alta (de cariz habitacional).

"Na primeira metade do século XVII, com o desenvolvimento do tráfico de escravos, vai surgindo a Cidade Baixa, espalmada entre o espigão da baía de Luanda, que na época era referida como laguna, por causa dos baixios que impediam a navegação". (PEPETELA, 1990, p. 24)

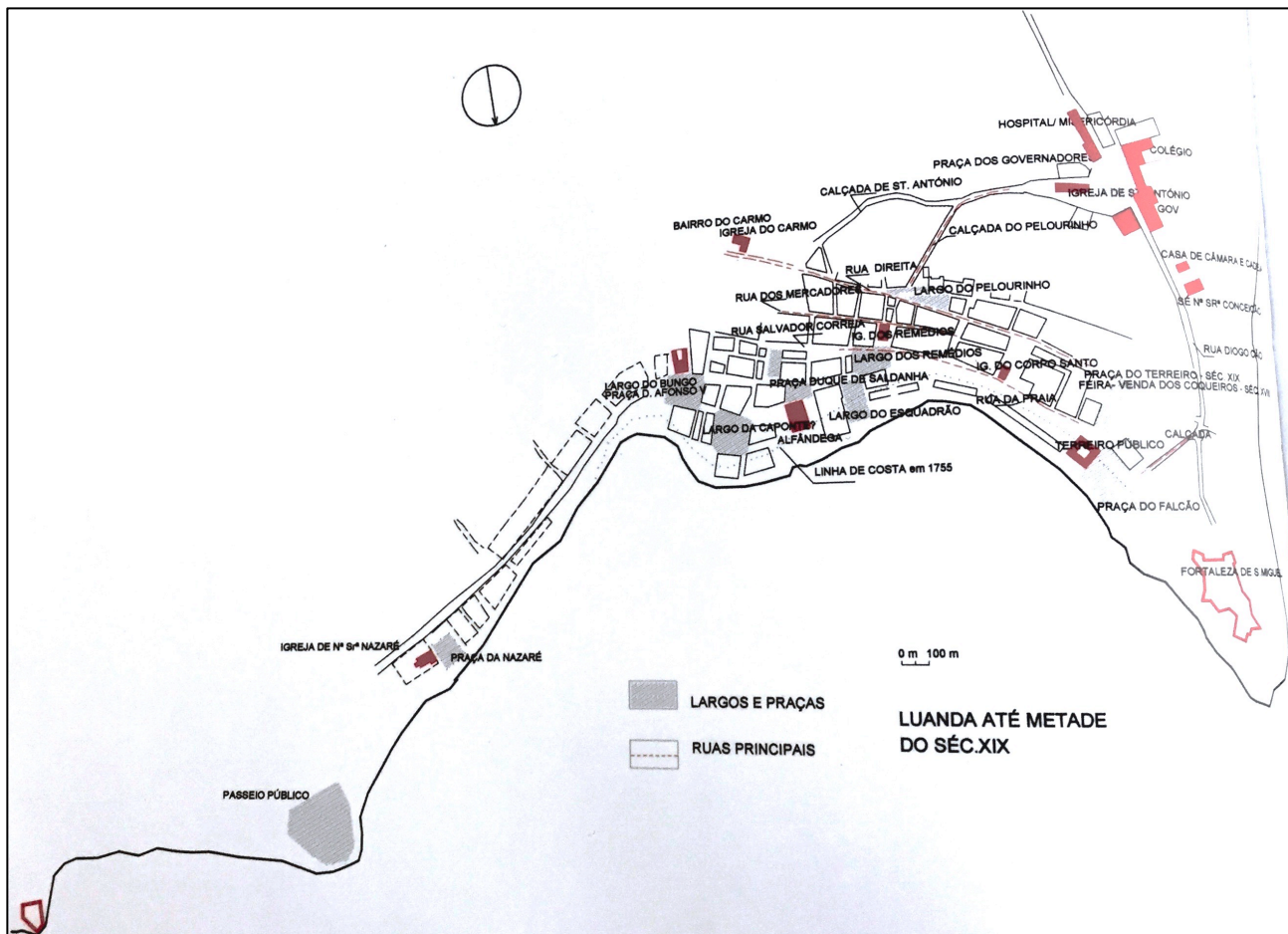
Na Cidade Baixa, ao nível médio das águas do mar, as edificações distribuem-se numa extensa faixa ao longo da costa. *"O espaço útil da cidade baixa foi sendo ampliado em função do avanço da linha da costa resultante do arrastamento de terras das barrocas [...]"*⁸ causados pela erosão. Estas tinham cerca de 60 metros de altura, e era onde a Cidade Baixa terminava.

"O primeiro sítio onde surge a Cidade Baixa corresponde à área frontal do que mais tarde seria o Bairro dos Coqueiros estendendo-se em seguida ao longo da baía". (PEPETELA, 1990, p. 24)

A Cidade Alta, por sua vez, encontra-se localizada mais a norte, numa *pronunciada encosta que "liga esta parte ao planalto por onde a cidade foi crescendo, ao longo de ruas e avenidas que produzem uma singular paisagem de expressão afro-tropical"*.⁹

⁸ FREUDENTHAL, Aida; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes, 1997 - Angola no século XIX cidades, território e arquiteturas. p. 34.

⁹ MARTINS, Isabel Martins; FERNANDES, José Manuel; FERNANDES, Manuel Correia - Património de Influência Portuguesa - Luanda (São Paulo de Luanda), Enquadramento Histórico e Urbanismo. [Em linha]. 2010 - [Consult. em 24 Janeiro. 2014]. Disponível em <http://www.hpip.org/def/pt/Conteudos/Navegacao/NavegacaoGeograficaToponimica/Localidade?a=285>



5.

AUTOR: Desconhecido

Luanda até metade do século XIX. Mapa analítico.

Ano: s/ d.

Fonte: (FREUDENTHAL , FERNANDES , JANEIRO, 2006, p. 102)

É importante perceber que na forma de ocupação destes dois sectores "*se aplica geralmente um princípio básico da urbanização — a racional determinação do local para a função da própria urbe*"¹⁰. Portanto, como as próprias imagens ilustram, "*a escolha urbana não podia ser mais evidente [...]*"¹¹: o facto de a Cidade Baixa estar localizada junto à costa, permitia um contacto direto ao porto, dando a possibilidade de ter a exportação de produtos como a "*única maneira de que dispunham os colonos para alcançarem a riqueza tão desejada*"¹². Como se observa desta citação:

"O sítio eleito, satisfazendo plenamente à finalidade económica e política, era geograficamente privilegiado para tal efeito, visto possuir uma magnífica baía para ancoradouro dos barcos, dominada por um magnífico ponto estratégico, e visto dispor de terras agricultáveis nas vizinhanças, assegurando o abastecimento da população e da navegação". (BATALHA, 2006, p. 145)

No período compreendido entre 1755 e 1862, "*o crescimento da cidade foi relativo, e [...] a sua estrutura essencial [encontra-se] consolidada já nos meados de setecentos*"¹³. Em 1755, a Cidade Baixa mantinha o seu perfil comercial e industrial. Em "*meados de oitocentos, na cidade Alta estavam instalados os principais representantes militares, civis e religiosos, em edifícios agregados*"¹⁴ em torno de praças amplas, largos ou terreiros. Todas estas funções, já assinaladas em 1755, permaneceram sem grandes alterações até 1848.

¹⁰ BATALHA, Fernando, 2006 - Angola Arquitectura e História. p. 146.

¹¹ HENRIQUES, Castro Isabel, 1997 - Percursos da Modernidade em Angola. p. 111.

¹² Ibidem.

¹³ FREUDENTHAL, Aida; FERNANDES, José Manuel, JANEIRO, Maria de Lurdes, 2006 - Angola no século XIX cidades, território e arquiteturas. p. 103.

¹⁴ Idem. p. 105.

O processo de estruturação do território angolano acentua-se especialmente, em plena I República (1910-1926), com a governação de Norton de Matos¹⁵. Contudo, só em meados do século XX é que Luanda redefine a sua estrutura urbana "[...] através de um processo de modernização intenso e rápido, que passou pela expansão acelerada da sua área urbana e suburbana"¹⁶. A respeito das transformações incidentes na área de estudo, pode-se ler:

- a avenida marginal da baía (e o novo porto a nascente), com uma frente nova edificada, de volumetrias e alturas elevadas e com expressão arquitectónica moderna;

- a Baixa, centro comercial tradicional da urbe, que foi nesta fase intensamente renovada com novas construções de grande escala, utilizando a expressão estética e as tecnologias próprias do chamado "Estilo Internacional da Arquitectura Moderna".

(FERNANDES, JANEIRO, FONTE, 2010, p. 53)

Estas transformações foram acompanhadas por um crescimento do número de habitantes. Em Luanda, "de um modo muito impressionante, a sua população decuplicou, entre 1940 e 1974, passando de 60.000 para perto de 600.000 habitantes"¹⁷.

Verifica-se um claro "crescimento por camadas, no sentido de ocupação dos espaços planálticos a nascente e a sul da urbe — num processo que

¹⁵ FERNANDES, José Manuel, JANEIRO, Maria de Lurdes; FONTE, Maria Manuela, 2010 - Angola no século XX cidades, território e arquiteturas 1925 - 1975. p. 21.

¹⁶ FERNANDES, José Manuel, JANEIRO, Maria de Lurdes; FONTE, Maria Manuela, 2010 - Angola no século XX cidades, território e arquiteturas 1925 - 1975. p. 53.

¹⁷ Actualmente, a população de Luanda ronda os 6 milhões de habitantes, estimando-se que três quartos dessa população viva em musseques, habitações precárias que se estendem indefinidamente para além dos limites da cidade planeada, corporizando uma vasta mancha contínua de cidade informal. (LOURO, Margarida, et. al, 2009, p.20).



7.

AUTOR: Desconhecido

Luanda no princípio do século XX. Mapa analítico.

Ano: s/ d.

Fonte: (FERNANDES, JANEIRO, FONTE, 2010, p. 111)

*pelos anos seguintes, de 1960-70*¹⁸. Luanda "ganha um novo "skyline", um perfil urbano onde os corpos verticais dos primeiros edifícios em altura, com uma série de volumes de grande dimensão [...]"¹⁹. Aqui passamos, então, a poder falar de outra paisagem; uma paisagem que se transformou e anuncia a pura interação entre a Natureza e o Homem. Apesar das profundas transformações por que a cidade terá passado é reconhecível na sua morfologia a nível físico e espacial, que o centro de Luanda não se terá afastado da cidade primitiva colonial.

Será na paisagem da Cidade Baixa em particular que nos iremos centrar, sendo esta a nossa área de estudo.

¹⁸ FERNANDES, José Manuel, JANEIRO, Maria de Lurdes; FONTE, Maria Manuela, 2010 - Angola no século XX cidades, território e arquiteturas 1925 - 1975. p. 63.

¹⁹ FERNANDES, José Manuel, JANEIRO, Maria de Lurdes; FONTE, Maria Manuela, 2010 - Angola no século XX cidades, território e arquiteturas 1925 - 1975. p. 55.



8.

AUTOR: Instituto Hidrográfico de Lisboa.

Planta da cidade de Luanda entre 1967 - 1969.

Ano: 1967 - 1969

Fonte: Instituto Hidrográfico de Lisboa.

II. ESTRUTURA CONCEPTUAL

"Um local ou uma paisagem só existe por intermédio dos olhos. Trata-se, portanto, de torná-lo presente no melhor do seu conjunto ou das suas partes"

(CORBUSIER, 2010, p. 90)

II.1. PAISAGEM

A fim de se identificar os fatores que permitem o reconhecimento da Baía como uma unidade de paisagem, abriremos um parêntesis para uma breve abordagem sobre o conceito de paisagem. Entre as várias definições, a adoptada no âmbito desta investigação será o da Convenção Europeia da Paisagem (2000)²⁰, o qual delimita de forma simples e abrangente o seu significado.

A paisagem é então entendida como *"parte do território, tal como é apreendida pelas populações, cujo carácter resulta da ação e da interação de factores naturais e ou humanos"*²¹.

De modo a clarificar o significado de paisagem, limitamo-nos a tópicos de interesse direto para a questão em debate. Optamos por fragmentar a definição segundo as suas ideias-chave: o papel do território no contexto das paisagens; os factores humanas e naturais.

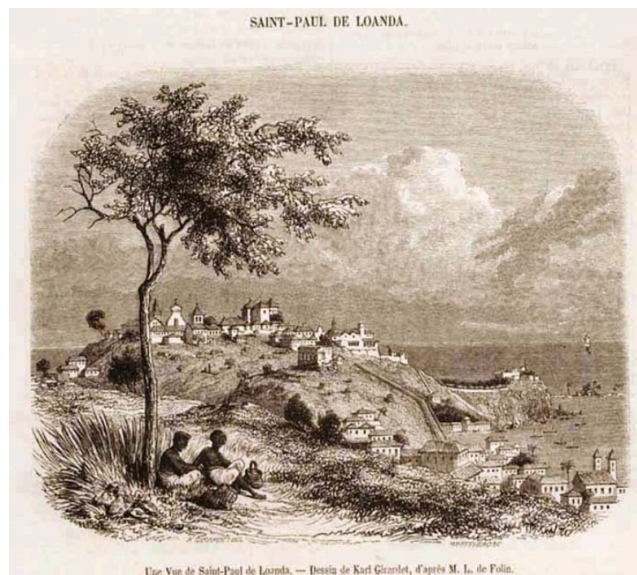
É importante entender a territorialidade como meio de compreensão da definição de paisagem. Como ponto de partida, colocamos a seguinte questão: o que seria uma paisagem sem território?

O território vai-se estruturar por meio de uma envolvente, de uma paisagem ou da ocupação humana. Pode ser elevado à categoria de lugar que é vivenciado, habitado e com o qual o Homem se identifica. Pensar numa paisagem sem território, é ir até paisagens inexploradas, desconhecidas; paisagens onde nunca se fez notar a presença do Homem; uma paisagem de "lugares utópicos", em que o território tornar-se-ia num *"cenário hostil, onde estaríamos irremediavelmente prisioneiros das contingências de uma natureza bruta"*²². Estas ideias levam-nos a considerar a impossibilidade de dissociar o território da paisagem. É pois, a paisagem que vai determinar o território, sendo que *"a ideia*

²⁰ A Convenção Europeia da Paisagem foi aprovada a 20 de Outubro de 2000, em Florença, e transposta para a legislação nacional pelo DECRETO-LEI n.º 4/2005 de 14 de Fevereiro (apud. MACEDO, 2011).

²¹ DECRETO-LEI n.º 4/2005. Cap. I. Artigo 1º a) [Em linha] Gabinete de Documentação e Direito Comparado. Convenção Europeia da Paisagem. Florença: 20. Out. 2000 [Consult. em 19 Novembro.2014].

²² PARDAL Sidónio, 2012 - A Estética da Paisagem: Seminário Sustentabilidade e Usos Sociais dos Parques Urbanos - Estratégias e Trajetórias, p. 3 [Em linha]. 2012 - [Consult. em 30 Janeiro. 2014].



Ilustrações do território de São Paulo de Luanda, representando os factores naturais e os factores humanos.

9.

AUTOR: Arquivo Ultramarino.

Ano: s/d

Fonte: (FREUDENTHAL , FERNANDES , JANEIRO, p. 15)

10.

AUTOR: Karl G.

Ano: s/d

Fonte: (FREUDENTHAL , FERNANDES , JANEIRO, p. 31)

de paisagem não pode ignorar a necessidade da sua territorialização" ²³. Fica clara a noção de que quando se fala de paisagem, há automaticamente uma referência à dimensão territorial. Estamos perante uma interdependência de factores; uma conexão eminentemente dialéctica, em que o território se apresenta como um dado essencial para a existência da paisagem. Esta *"ideia de paisagem vem [...]"* precisamente *"[...] corresponder à [...] necessidade de criar uma territorialidade"* ²⁴.

Pensar em território aplicado à área de estudo é associa-lo a Luanda: o território é Luanda; o espaço catalogar-se-ia como o núcleo histórico. O lugar? O lugar é o território preexistente, específico na sua essência; o lugar é a Baía.

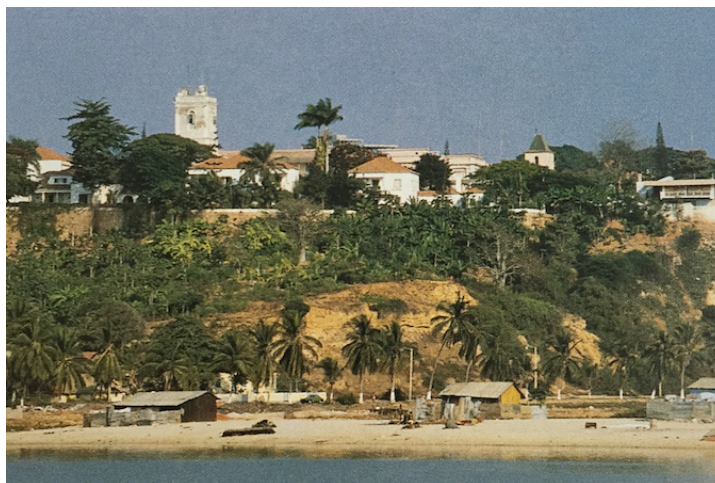
Nesta acepção do termo paisagem da Convenção Europeia da Paisagem, é importante notar também a referência aos factores humanos. Do mesmo modo que a paisagem está associada ao território, também está associada aos factores humanos. A atividade humana encontra-se intrínseca na paisagem. A este respeito, Norberg-Schulz diz-nos:

"O espaço só se torna um lugar no momento em que ele é ocupado pelo homem, física ou simbolicamente, representado por várias edificações construídas em fases e tempos diferentes, durante o crescimento urbano, que constituem a paisagem urbana como um todo [...]. O lugar é a concreta manifestação do habitar humano".
(cit. in MARQUES, AZUMA, SOARES, 2009, p. 46)

As atividades humanas, sejam elas comerciais, industriais, de serviços ou culturais, vão representar um factor essencial para a definição de paisagem. O processo de ocupação de Luanda não terá sido diferente, tendo como base factores de natureza geográfica, pela escolha de um lugar abrigado pela Baía, política e económica, pelo carácter defensivo e mercantil apresentados. A este respeito podemos ler:

²³ Ibidem.

²⁴ Ibidem.



11.

AUTOR: Desconhecido

Praia do Bispo: sítio das primeiras edificações. *"A formação urbana das povoações antigas de Angola não foi meramente casual ou resultante da sorte, pois a análise retrospectiva das suas origens mostra-nos suficientemente a existência de poderosas determinantes de origem geográfica, económica e política a condicionar a escolha do local ou criação de aglomerado urbano". (BATALHA, p. 145)*

Ano: s/d

Fonte: (PEPETELA, 1990, p. 18)

"As estruturas rurais, tal como as urbanas, decorrem de uma ação humana que tende a dominar os elementos físicos [...] Canais e valas, plantações, desaterros, aterros, socalcos e caminhos testemunham essa ação transformadora [...] o homem atua sobre o território para nele viver, exercer atividades, e também de acordo com um sentido estético". (LAMAS, 2004, p. 63)

Esta será também uma forma de interpretação da paisagem como produto da interação do Homem com o seu meio, a fim de o desenvolver e de transformar. Projeta-se sob o território, como fruto da ação humana e de tudo aquilo que representa. São manifestações que transmitem um dado objectivo que advém do dinamismo das paisagens. Kevin Lynch (2011) reforça esta tese, afirmando que *"os elementos móveis de uma cidade e, em especial, as pessoas e suas atividades, são tão importantes quanto as partes físicas estacionárias"*²⁵. Nas teorias que estes autores validam, do modo de encarar o Homem e as suas atividades como um factor essencial do lugar, encontra-se uma aproximação no modo como os factores humanos irão operar sob a paisagem.

Atualmente, a paisagem do centro de Luanda também ela se tem transformado, ganhando e perdendo formas, refletindo consciente ou inconscientemente sobre valores que se traduzem em diferentes imagens e símbolos (Figura 12 a 15). No fundo, é daqui que irão resultar os factores humanos; na dinâmica das paisagens, fruto das modificações da ação do Homem ao longo do tempo. Concebem-se novas formas, levando também a uma diferente compreensão do espaço. É dentro deste universo que se poderá verdadeiramente considerar o território, como um intermediário das atividades resultantes da ação humana.

Resta-nos, por fim, mencionar os factores naturais, igualmente referidos na definição de paisagem da Convenção Europeia da Paisagem. A paisagem agrega as formas naturais da terra. É aqui onde podemos encontrar os factores naturais (como exemplo disso, temos as formas da superfície terrestre, como por exemplo o relevo).

²⁵ LYNCH, Kevin, 2011 - A Imagem da Cidade, p. 9.



A evolução da paisagem da Baía de Luanda, em cerca de 60 anos.

12.

AUTOR: João Loureiro.

Ano: 1955.

Fonte: (FERNANDES, JANEIRO, FONTE, 2010, p. 68).

13.

AUTOR: João Loureiro.

Ano: 1963.

Fonte: (FERNANDES, JANEIRO, FONTE, 2010, p. 53).

14.

AUTOR: Henrique J. C. Oliveira.

Ano: 1973.

[Consult. em 20 Maio.2015.].

Fonte:<http://www.prof2000.pt/users/secjeste/arkidigi/Luanda07.htm>.

15.

AUTOR: Desconhecido.

Ano: 2014.

[Consult. em 25 Maio.2015].

Fonte: <http://www.angolabelazabelo.com>.

O geógrafo La Blache contribuiu para esta questão, quando em 1922 escreve "*Principle de Géographie Humaine*", onde expõe a sua investigação "*no campo da biologia, numa visão naturalista ao estudo geográfico das cidades*"²⁶ daquele período. La Blache defende:

"[...] a paisagem é o resultado, ao longo da história, das relações entre as necessidades humanas e os dados naturais, havendo um processo de trocas mútuas entre o homem e a natureza "[...] devido ao facto da natureza ser vista como possibilidade para a ação humana" . (cit. in TOURINHO, 2006 p. 7)

A sua teoria reúne alguns fundamentos de base do conceito de paisagem dado pela Convenção Europeia da Paisagem. Na área de estudo, em que a dualidade existente entre as cidades alta e baixa, tornam-se como importantes elementos morfológicos e de forte influência na paisagem da cidade de Luanda. "*A separação entre eles é mesmo geofísica, a recordar idêntica configuração urbana em Salvador da Bahia ou no Porto*"²⁷. São "*duas partes bem distintas*" que organizam a cidade, "*através de um penhasco que marca um desnível acentuado entre os dois sectores*"²⁸ (Figura 16). A dualidade entre ambas não é somente marcada pelas suas propriedades físicas, mas, como vimos, pelas diferentes funções que inicialmente cada um destes sectores teve.

Sobre os factores naturais Lynch escreve:

"[...] à medida que a cidade se expande, os factores naturais relevantes e de grande dimensão tornam-se mais importantes do que os pequenos. O clima, flora geral e a superfície da grande região, as montanhas e os rios mais significativos adquirem maior importância do que as características locais. Contudo, a topografia

²⁶ TOURINHO, Andréa de O., 2006 - A arquitectura e a Geografia na construção do Urbanismo Moderno e contemporâneo: em busca de uma identidade, p. 7.

²⁷ FREUDENTHAL, Aida; FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes, 2006 - Angola no século XIX cidades, território e arquiteturas, p. 103.

²⁸ Ibidem.

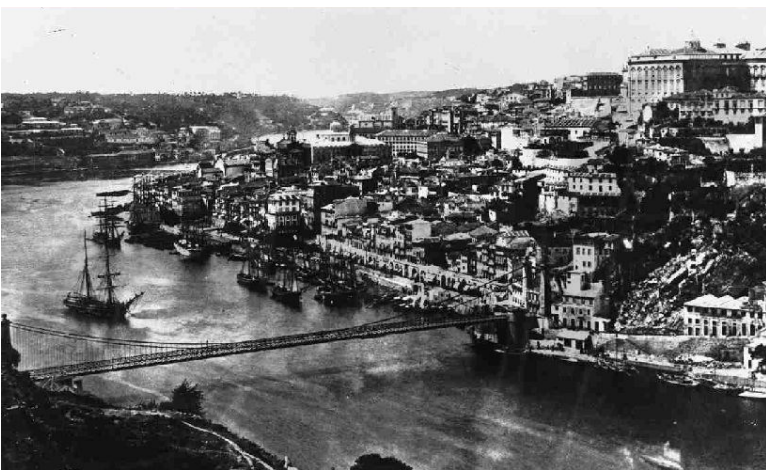


Representação da paisagem de Salvador da Bahia (ao centro) e da cidade do Porto (em baixo), em comparação à paisagem da Baía, onde se pode ver o encontro entre a Cidade Alta e a Cidade Baixa (em cima). É visível o impacto dos factores naturais (topografia) nas diferentes paisagens.



16.
AUTOR: Luanda (Estudo de Geografia Urbana), Junta de Investigações do Ultramar, 1968, estampa 11.
Ano: s/d.
Fonte: (CRUZ, 2012, p. 45).

17.
AUTOR: Desconhecido.
Ano: 1624-1649.
[Consult. em 30 Junho.2015].
Fonte: <http://www.cidade-salvador.com/>



18.
AUTOR: Fotografia de Alvão.
Ano: s/d.
[Consult. 30 de Maio.2015].
Fonte: <http://www.portopatrimoniomundial.com/>

é, ainda um elemento importante no reforço dos aspectos urbanos: colinas nítidas podem definir regiões, rios e praias constituem limites fortes, cruzamentos podem ser confirmados através da localização em pontos-chave no terreno". (LYNCH, 2011, p. 114)

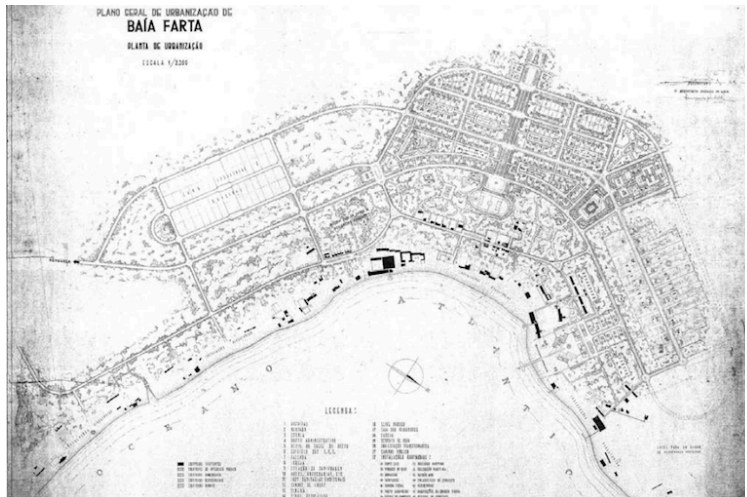
Este excerto irá confirmar a relevância da topografia na paisagem, em concordância com o impacto causados pela Cidade Alta e pela Cidade Baixa em Luanda. Falar destes factores naturais, é falar das características naturais do território; da sua essência, das características que o definem no seu estado mais puro.

Existe ainda um factor natural neste conjunto, que se poderá configurar como o mais importante dentro da área de estudo: o mar. É importante perceber que neste universo em que nos focamos, o mar reúne em si uma particularidade territorial. Na condição específica da Baía, polarizam diversas identidades, na articulação entre o mar e a terra. Detém uma relação com o mar que, como sabemos, constituiu um dos elementos que deram origem à formação da cidade. Surge como um espaço elementar, aberto e livre.

As citações que se seguem consistem numa breve ilustração da importância do mar não só neste contexto, como em todos os outros em geral:

"O mar é então relacionado com a figura materna, o líquido amniótico protetor que envolve o feto e a ilha é o símbolo da própria figura materna, o útero protetor. Inúmeros mitos e lendas atestam a presença do mar e da ilha na constituição do mundo e na criação da cultura". (DIEGUES, 1998, p.8)

A relação direta com o mar vai permitir a este conjunto que se revele quase como que um anfiteatro natural, com uma linha de força na sua estrutura morfológica. Sintetiza-se esta condição: grandes superfícies de água abaixo; grandes áreas de céu acima e, ao fundo, a cidade.



Imagens representativas de cidades coloniais portuguesas em território africano.

19.
"Moçâmedes".

AUTOR: Desconhecido.

Ano: s/d.

Fonte: (FONTE, 2007, p. 222).

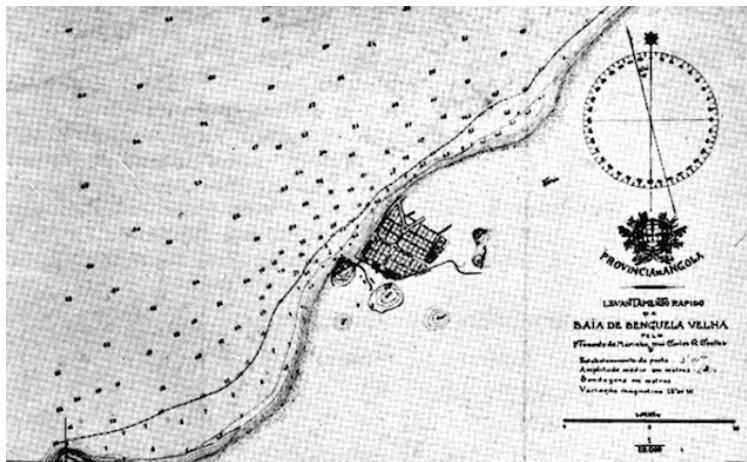
20.

"Baía Farta (Benguela).

AUTOR: Gabinete de Urbanização do Ultramar - Delegação de Angola, Arq. Fernando Batalha.

Ano: s/d.

Fonte: (FONTE, 2007, p. 217).



21.

"Baía de Benguelaa Velha.

AUTOR: Plano de Urbanização de Benguela, Gabinete de Urbanização Colonial, João António Aguiar.

Ano: 1950.

Fonte: (FONTE, 2007, p. 213).

22.

"Baía de Luanda".

AUTOR: João Loureiro.

Ano: 1955.

Fonte: (FREUDENTHAL , FERNANDES , JANEIRO, 2006, p. 55).



II.1.2. UNIDADES DE PAISAGEM

Pretende-se com estas ideias presentes na definição de paisagem, que se abra caminho para o processo de reconhecimento da Baía como uma unidade de paisagem urbana. Sabe-se que no contexto em que se insere, representa um elemento fundamental e estruturante na paisagem de Luanda, influenciando não só as características morfológicas como grande parte das atividades humanas que aqui se vieram a desenvolver. Tanto é que, desde cedo, pode afirmar-se que a cidade de Luanda teve a sua origem associada à Baía, como "porta da cidade"²⁹ e como porto colonial. Como se pôde ver expresso nas imagens, a impressão que se retira deste conjunto é de uma paisagem que se refere essencialmente à impressão de individualidade, à expressão simbólica e unicidade de um dado lugar, como produto das suas circunstâncias particulares. Noções citadas como unicidade e singularidade, resultantes de um carácter urbano distinto, viabilizam a introdução do discurso sobre as unidades de paisagem urbana.

Principiemos esta tese com a definição de unidade paisagística. A este respeito, podemos ainda ler:

Uma unidade de paisagem pode permitir, em certa medida, a revelação do carácter de uma paisagem concreta porque "constitui um lugar diversificado mas paisagisticamente uno (...) [e que reflecte] uma forma de humanização que, quer mais subtil quer mais vincada, é inspirada na sua essência, na sua energia potencial. [Unidades de paisagem são] Espaços onde a totalidade se impõe em relação às partes. A leitura de uma unidade de paisagem está numa primeira fase dependente de pontos e linhas singulares da paisagem, que formam a estrutura da unidade de paisagem. Para além desses pontos e linhas a unidade de paisagem

²⁹ Como porta da cidade, a Baía vai simbolizar um claro intercâmbio entre dois mundos — o mar e a terra — expressando um valor simbólico, ao indicar uma passagem que convida a ser atravessada.



23.

AUTOR: Instituto de Investigação Científica Tropical.

Panorama da Cidade Baixa nos anos 70.

Ano: 1970.

[Consult. em 5 de Janeiro de 2014.

Fonte: <http://www.sanzalangola.com>

possui um conteúdo que não é neutro, mas sim parte da sua identidade, unidade e diferenciação. Cada unidade de paisagem é dinâmica e os limites são uma fronteira difusa, elástica, que por vezes constitui um intervalo de transição entre unidades com uma identidade menos clara. (MACEDO, 2011, p. 148)

Ainda que esta definição nos direcione para as unidades paisagísticas, podemos estabelecer uma ponte na medida em que a paisagem da Baía, como uma unidade de paisagem urbana, resulta do carácter e especificidade do conjunto de elementos que compõem a paisagem, consoante uma lógica interna que define a sua estrutura. O padrão específico pelo qual se caracterizam e que as constitui, diferencia-se da sua envolvente. No caso específico da Baía, podemos considerar que nos encontramos perante uma situação de tecido de exceção, como um acidente geográfico que domina pela forte. Trata-se de uma paisagem que apresenta características no substrato natural, ao qual se acrescenta um meio construído. Engloba uma área bastante diversificada no que diz respeito à ocupação do solo e com um núcleo urbanizado de elevada densidade. Neste sentido, chamemos à atenção para o facto de que as unidades de paisagem urbana não se esgotam apenas em questões biológicas. Ao contrário das unidades paisagísticas unicamente inseridas na dimensão natural, às quais é impossível retirar-lhes essa obrigatoriedade ou dever exclusivo. Em vez de estarmos perante elementos unicamente naturais, temos antes um conjunto de tipologias urbanas distintas, de diferentes épocas, gerando a chamada identidade urbana. Porém, esta área está globalmente enquadradas numa unidade física paisagística, não só pelo facto de estabelecer uma adaptação específica ao território e ao carácter do lugar, mas antes por se encontrarem associadas também a elementos naturais; sejam eles corredores verdes traçados no

Unidades de paisagem no contexto do território africano e europeu.

23.

"Miradouro da Lua" (Angola).

AUTOR: Angola Image Bank.

Ano: 2008.

[Consult. em 30 Junho.2015].

Fonte: www.flickr.com/photos/kodilu/2190609430



24.

"Coroa de Santo Antão" (Cabo Verde).

AUTOR: Desconhecido.

Ano: 2014.

[Consult. em 30 Junho.2015].

Fonte: www.traveladventures.org



25.

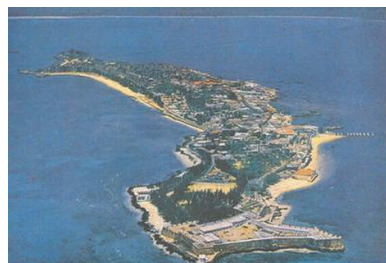
"Ilha de Moçambique" (Moçambique).

AUTOR: Desconhecido.

[Consult. em 30 Junho.2015].

Ano: s/d.

Fonte: www.ilha-de-mocambique.versindaba.co.za



26.

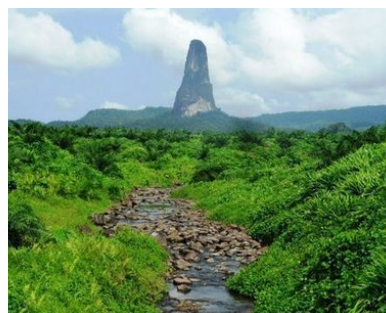
"Pico Cão Grande" (São Tomé e Príncipe).

AUTOR: Desconhecido.

Ano: s/d.

[Consult. em 30 Junho.2015].

Fonte: www.scoop.it



27.

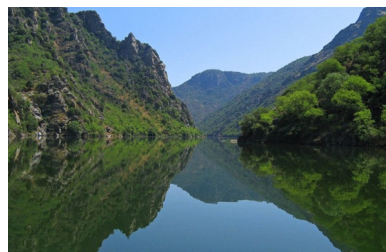
"Parque do Douro Internacional" (Portugal).

AUTOR: Desconhecido.

Ano: s/d.

[Consult. em 30 Junho.2015].

Fonte: www.welcomenordeste.net



perímetro urbano ou o mar e a topografia, como elementos estruturantes e dominantes (Figura 28).

A legitimidade de existência desta unidade de paisagem urbana dá-se pelos factores humanos, presentes na definição de paisagem anteriormente definida. O mesmo homem que manipula as paisagens urbanas, também manipula as paisagens naturais. Ainda que estejamos perante um meio natural, é um dado certo que a sua existência como "paisagem" estará sujeita à ação do homem. Verifica-se um factor de dependência, que nos revela uma unidade de paisagem urbana ligada à origem e história de uma cidade; à história de uma sociedade ligada ao mar.

Acerca da definição de unidade paisagística, é também possível compreender que as unidades paisagísticas são indissociáveis dos elementos da paisagem. Constituem uma totalidade, *"referenciada a um centro estruturalmente articulado com um território envolvente [...], mantendo relações de integração funcional [...]"*³⁰. *É exatamente essa matriz de relações"*³¹ que irá unificar os elementos de uma unidade de paisagem. Os *elementos* da paisagem *"tanto podem ser de origem natural como antrópica e contribuem, em conjunto, para o padrão que caracteriza a unidade de paisagem e a distingue das envolventes"*³². Relativamente aos elementos naturais, Norberg Schulz refere *"é graças à interacção do relevo, da vegetação e da água que se formam totalidades características ou lugares, que constituem os elementos de base da paisagem"*³³. Isto significa dizer que os elementos da paisagem podem ser constituídos pelas infraestruturas ou conjuntos edificados, afloramentos rochosos, linhas de águas, etc. Fazem parte de *"uma distinta unidade em que cada parte pertence indissociavelmente a um todo, e em que esse todo se torna identificável por "traços" de uma "personalidade urbana" inscrita num território específico"*³⁴. Sobre a Baía sabemos que não existe como um lugar isolado, único, autónomo, independente. Inseridos neste universo, existem lugares com requisitos

³⁰ TAVARES, Rui - Recentricidade. Memória e refundição urbana. Território. Cidade. Arquitectura, p. 421.

³¹ Ibidem.

³² Ibidem.

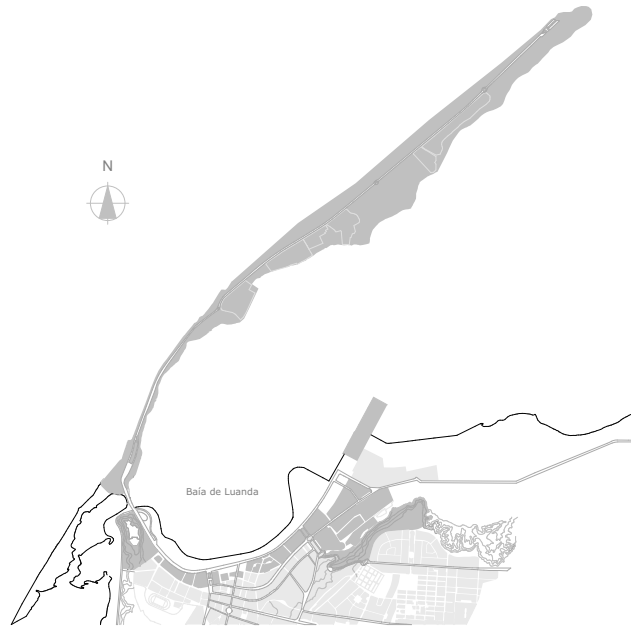
³³ cit. in GOMES, Cláudia, 2011 - O Conceito de carácter da paisagem e a sua aplicação na gestão de áreas protegidas: caso de estudo dos Açores, p. 35.

³⁴ TAVARES, Rui - Recentricidade. Memória e refundição urbana. Território. Cidade. Arquitectura, p. 421.

28.

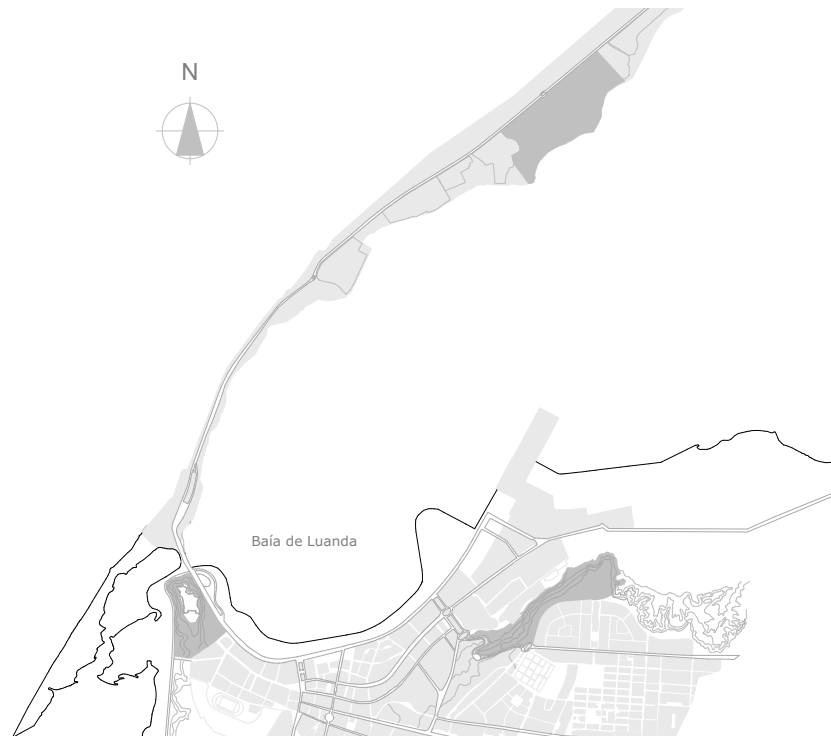
Os limites da unidade de paisagem da área de estudo.

Em síntese, o limite é dado pela frente marítima que ocupa toda a extensão da praia, rematando com o Porto de Luanda e no sentido nascente-poente ao longo do eixo curvo da cidade Baixa passando pela Av. Marginal, até terminar na entrada da Ilha do Cabo



29.

Os três espaços verdes de elevado potencial natural, dentro do contexto da área de estudo.



específicos, aos quais podemos chamar de elementos da paisagem Baía de Luanda. Estes elementos estão associados à área de estudo e contribuem para dar coerência ao espaço onde se inscreve a Baía. Também eles irão resultar do carácter e especificidade dos componentes da paisagem em causa. Mais ainda, os elementos da paisagem da Baía de Luanda vão igualmente possibilitar a definição de limites da unidade paisagística em si. A definição dos limites é importante, na medida em que é este o factor que nos irá dar a ideia de espaço. Porém, *o "limite das unidades não é, na maior parte dos casos, um limite absoluto, nem simplesmente uma linha identificável na paisagem"*³⁵. No que toca ao seu desenho, a unidade de paisagem em causa poderá não ser susceptível de uma delimitação geográfica rígida, uma vez que pode abranger menores ou maiores extensões de mar ou de terra. Neste sentido, no processo de delimitação da unidade de paisagem, determinamos como fronteira áreas de elevado potencial natural e, em alguns casos, que se encontram no perímetro mais próximo da Baía.

São considerados o Porto de Luanda, e a Fortaleza de S. Miguel, balizando as margens nascente e poente da Baía. O perímetro a sul, é delimitado pela Encosta do Miramar que, embora se encontre desfasada da área de estudo, é importante a sua referência dentro deste universo, na medida em que também representa um acidente geográfico cujo próprio tecido urbano não conseguiu dar resposta. Evidencia-se como a marca daquela que foi a ruptura da cidade em dois grandes níveis, constituindo a área da Cidade Alta que mais se relaciona à Baía pela sua localização direta diante da mesma. Por último e não menos importante, temos a Ilha de Luanda no perímetro norte da unidade de paisagem, estando agregada à Baía na sua interação física em si.

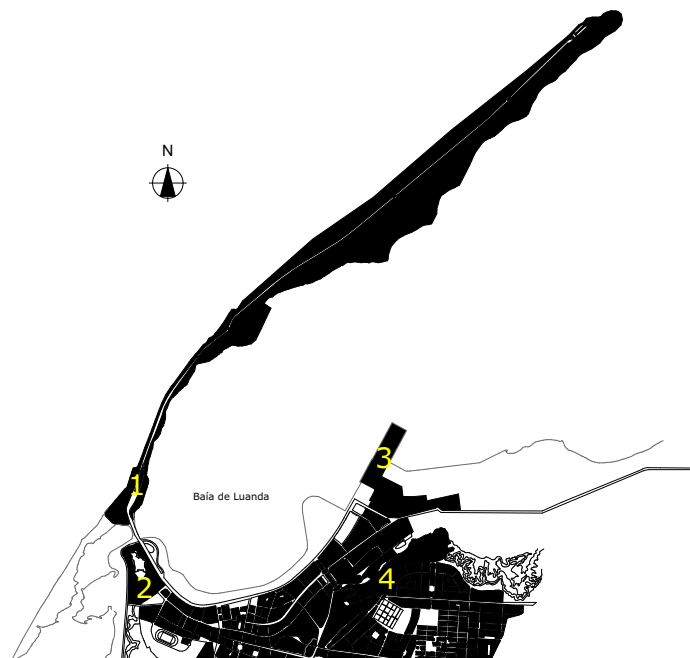
Diante deste quadro, é importante notar que nem todos estes elementos consistem propriamente em elementos naturais / vegetais, sendo apenas reconhecidos sobretudo pelo íntimo envolvimento com o mar. Esta dimensão espacial de paisagem natural, dominada pelo elemento água, terá interrupções em situações em que a paisagem emerge no entrelaçamento com o espaço construído. Temos como bom exemplo o caso da Fortaleza de S. Miguel, agregada ao seu morro, cujo recorte da sua silhueta aparece bastante evidenciado no perfil da paisagem e o Porto de Luanda. A Av. da Marginal pode

³⁵ GOMES, Cláudia, 2011 - O Conceito de carácter da paisagem e a sua aplicação na gestão de áreas protegidas: caso de estudo dos Açores, p. 148.

30.

Elementos de destaque da paisagem da Baía de Luanda:

1. Ilha de Luanda
2. Fortaleza de S. Miguel
3. Porto de Luanda
4. Encosta do Miramar



também ser apresentada nesta condição de natural construído, embora se afaste ligeiramente do contexto destes. Aqui, é possível encontrar uma renaturalização da natureza, manipulada e domesticada dentro do espaço da cidade, mas com recursos para fazer com que pareça mais natural, de modo a causar a sensação de retorno à natureza. Acaba por ser uma natureza tecnificada, quase que virtual.

Unidades de paisagem urbana (cidades costeiras).



31. Genova

AUTOR: Desconhecido.

Ano: s/d - 1572.

Fonte: (COSTA,2009, p. 18 e 19).



32. Manhattan.

AUTOR: Desconhecido.

Ano: s/d.

[Consult. em 30 Junho.2015].

Fonte: forum.skyscraperpage.com - www.pixabay.com



33.

Rio de Janeiro.

AUTOR: Desconhecido.

Ano: s/d.

[Consult. em 30 Junho.2015].

Fonte: www.wikipedia.org.

II.2. DEFINIÇÃO DO OBJECTO:

A BAÍA³⁶ DE LUANDA — UM PANORAMA

A BAÍA DA CIDADE

Coqueiros esguios - leques ao vento

Abanando a ilha

Um dongo flutua

Na baía.

E ela, a negra maravilha

condecorada com reflexos de prata

com que o céu a está beijando,

com que o céu a está vestindo,

- adormeceu sonhando,

placidamente sorrindo.

Nas águas veres da baía calma,

Caem pétalas vermelhas

De uma linda flor de ónix.

(FERNANDES, JANEIRO, FONTE, 2010, p.53)

³⁶ Baía de águas mansas, constituindo-se como um acidente geográfico que domina pela forte presença do mar. Larga no seu diâmetro e parcialmente profunda, as sondas reduzidas apresentam diversos valores de profundidade, que variam entre os dois metros de altura até trinta metros de comprimento (há uma enorme variação de valores mais elevados e mais reduzidos na carta de navegação, sendo que o zero hidrográfico está marcado na Baía de Luanda, junto à base naval).



34.

AUTOR: Arquivo Histórico Ultramarino.

"Angola Iconografia n.º 646". Ilustração em aguarela datada, reproduzindo a autenticidade de Luanda até aquele período. *"Ao fundo de um largo estuário sulcado de restingas de areia brilhando ao sol, uma cidade vasta, panorâmica, espectacular, teatral, cheia de casaria, torres e perfis de altos edifícios subia pelo declive de uma ribanceira da costa, até um vasto plateau; e era autenticamente uma cidade o que tínhamos na nossa frente [...]"*.

Ano: 1884

Fonte: (FREUDENTHAL , FERNANDES , JANEIRO, 2006, imagem da capa)

II.2.1. ESTRUTURA

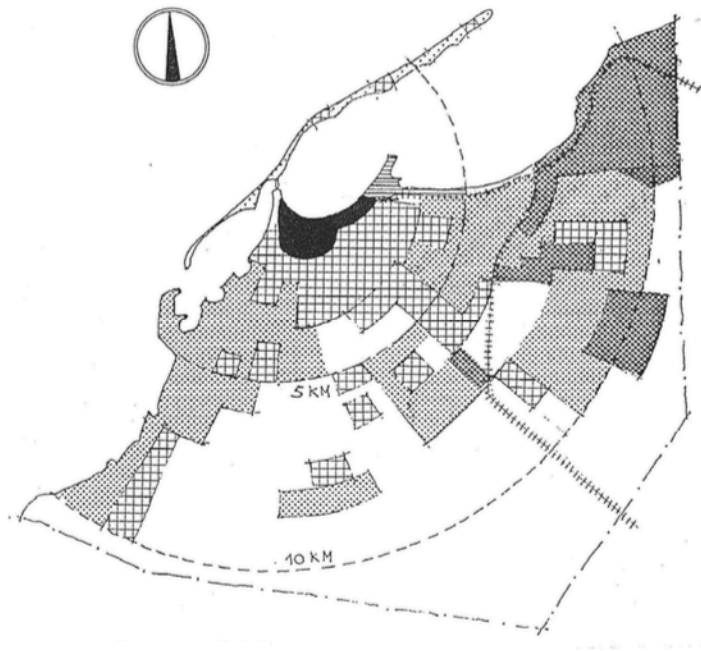
Pretende-se neste capítulo aprofundar a análise sobre os limites da unidade de paisagem em estudo, de modo a compreender a lógica interna que define a estrutura da Baía de Luanda. Ressaltamos que estes limites operam num duplo sentido, constituindo-se também como elementos da paisagem da Baía, dando corpo a essa mesma estrutura.

Irão abordar-se cada um dos elementos isoladamente, a fim de deixar claro o modo como se correlacionam dentro do sistema presente. Serão expostos os aspectos que se consideram essenciais para a sua definição, tanto no que diz respeito ao seu desenho, como aos factos históricos determinantes da sua estruturação (os rumos impostos pela evolução histórica de alguns deles).

A análise dos elementos da paisagem em estudo, remeteu-nos para a determinação dos seus limites, os quais definem também as linhas estruturais da Baía. Como se pode ver na ilustração, existe uma base de construção na estrutura da Baía, composta por quatro pontos específicos. Cada um deles assume uma determinada função na paisagem, configurados como unidades interrelacionadas entre si, integrantes de um espaço comum — a Baía. Na leitura do seu conjunto, linhas imaginárias convergentes desses pontos tornam visível a ideia de um quadrilátero, tendo a Baía ao centro. É importante retermos esta ideia de centro, de onde provêm, coerentes e adjacentes, os pontos estruturais da Baía.

Toma-se a referência espacial associada à dimensão geométrica, para se alcançar a noção de centro associada à Baía, que advém em parte da sua localização geográfica. O centro a que se refere a Baía não funciona propriamente como um eixo, mas pode ser definido como tal, no sentido em que se configura como um elemento fundamental organizador do espaço. Sobre o significado de centro, pode-se ler:

"Geometricamente, o centro é definido apenas pela localização como o ponto equidistante de todos os pontos homólogos de uma figura regular. Perceptualmente, o centro é a área onde estão em equilíbrio todos os vectores que constituem um modelo visual. Em sentido lato, e independentemente da localização, qualquer objecto visual constitui um centro dinâmico porque é o núcleo das forças



35.

Na planta do Esquema Geral dos Usos do Solo, datada de 1974, podemos encontrar a ideia de centro dada pela seqüência de anéis, em que o último círculo tem como centro a Baía.

AUTOR: Desconhecido

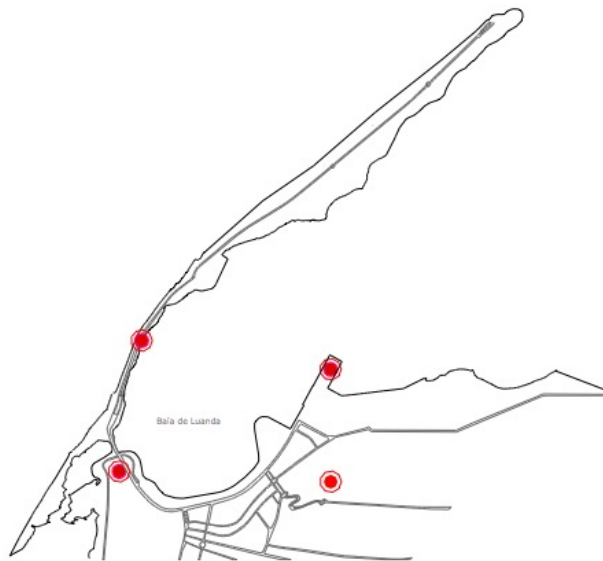
Fonte: (RAINHA, 2007, p.156)

Ano: 1974

36.

Os quatro pontos principais definidores da estrutura da Baía de Luanda.

Parte-se de uma leitura que permite o reconhecimento de pontos significativos do tecido urbano



que têm origem nele e que convergem para ele." (MARQUES, 2006, p. 87)

Uma vez enraizada no núcleo histórico de Luanda, a Baía representa também um centro com o qual coincide o núcleo de origem, o ponto de partida da cidade de Luanda. Corresponder ao núcleo mais antigo da urbe, implica ter de contar, de forma visível ou não, com a certeza de se constituir como o local portador do traçado original da cidade.

Ainda no percurso desta análise, é importante notar que, existe um forte vínculo entre estes quatro pontos estruturais — elementos da paisagem Baía — , pelo que é fundamental não se desligarem um dos outros. Trata-se de um somatório e não um "repartido", em que nenhum deles existe isoladamente. Configuram-se como um todo, que conforma a paisagem do centro de Luanda. Parte daqui a sua interação. Uma vez integrados numa zona costeira, os pontos estruturais da Baía consistem em territórios de interação física, geográfica, e humana entre o mar e a terra. Esta interação leva em conta aspectos físicos da paisagem, em que alguns elementos vão introduzir uma ideia dialética de paisagens que apresentam o contrapor de perspectivas. Dito de outro modo: ao longo do anel da Baía, num movimento circular de simultaneidade e sobreposição (Figura 37), a ligação que a ilha estabelece com a baía, as cidades Baixa e Alta, e vice-versa, resulta naquilo a que podemos chamar de *"dois lados para a mesma cidade"*³⁷: fruto do desdobramento da paisagem e das imagens da Ilha do Cabo sob a cidade e o seu reverso, da cidade sob a Ilha. Não deixa de ser curioso, como a margem contrária da baía, produz esta ilusão da existência de um verso e de um reverso da paisagem. Apoiados nas imagens e nos desenhos explicativos, pode-se perceber que a interação dos quatro pontos estruturais da Baía resulta na reversibilidade da paisagem, geradas essencialmente pela relação que a Ilha do Cabo estabelece com os restantes elementos.

Neste contexto em que o debate aponta para a interação dos elementos naturais da paisagem é oportuno citar Norberg Schulz, o qual entende:

³⁷ Expressão utilizada por Manuela Fonte (FONTE, 2007, p. 361).



Imagens representativas da irreversibilidade da paisagem da Baía de Luanda, produzindo o efeito de um verso e de um reverso.

37.

AUTOR: Desconhecido.

Ano: s/d.

[Consult. em 12 Janeiro.2014].

Fonte: www.maps.google.com

38.

AUTOR: Gonçalo Afonso.

Ano: 2010.

[Consult. em 19 Junho.2015].

Fonte: www.goncaload-artes.blogspot.pt/

A ilha, por exemplo, é um lugar por excelência que se apresenta como uma figura isolada e exactamente definida. No plano existencial a sua presença provém do elemento primeiro da Génese, e conduz-nos assim às origens. A palavra península significa quase ilha; a linguagem comunica as características da sua estrutura espacial. Mesmo a baía é um lugar arquétipo que se pode definir como o reverso da península. (cit. in MACEDO, 2011, p. 35)

A distinção entre as paisagens do verso e do reverso faz-se tendo em conta a sua própria natureza. Sendo a Baía o centro deste grande universo em estudo, o verso da paisagem vai-se configurar como a linha que se estende para lá da Av. Marginal, no sentido oposto à Ilha de Luanda (Figura 39 e 40). O desígnio de verso da paisagem decorre do facto de integrar em si o percurso que conduz para o interior da cidade — considerando a Baía como porta da cidade. Dentro do seu perímetro estão situadas a Fortaleza de São Miguel, o Porto de Luanda e a Encosta do Miramar. No caso do reverso da paisagem, faz parte apenas a Ilha de Luanda, localizada do lado oposto, inversamente ao panorama do verso da cidade. Nota-se a presença de um "jogo de palavras", que opõem diferentes perspetivas, mas que as relaciona num sentido coerente. No seu conjunto de cores, formas e nuances, o elemento central, comum a todos eles, que cria a unidade, é mais uma vez a Baía. Se a metáfora utilizada fosse antes associada ao corpo humano para nos referirmos à cidade, diríamos então que o verso e o reverso seriam, talvez o esqueleto, na carne e na alma de uma cidade protagonizada pela Baía: o coração.

Lynch é outro autor que trata de aspectos associados à irreversibilidade na paisagem, na sua obra "A Imagem da Cidade" (LYNCH, 2011). A sua abordagem diferencia-se da de Schulz no sentido em que o seu foco incide antes nos sistemas urbanos como imagem de conjunto:

"Também é possível tratar da questão da irreversibilidade [...] As séries de elementos têm de ter uma forma sequencial em ambas as direções, podendo isto ser conseguido pela simetria no ponto

39.

Esquissos explicativos da ideia de irreversibilidade da paisagem da Baía de Luanda.



médio, ou de modos mais sofisticados." (LYNCH, 2011, p. 117)

A metáfora a que se recorre, da ideia de reversibilidade, surge como uma possibilidade de se entender a imagem/paisagem da cidade, sobre diferentes pontos de vista, como cita Lynch:

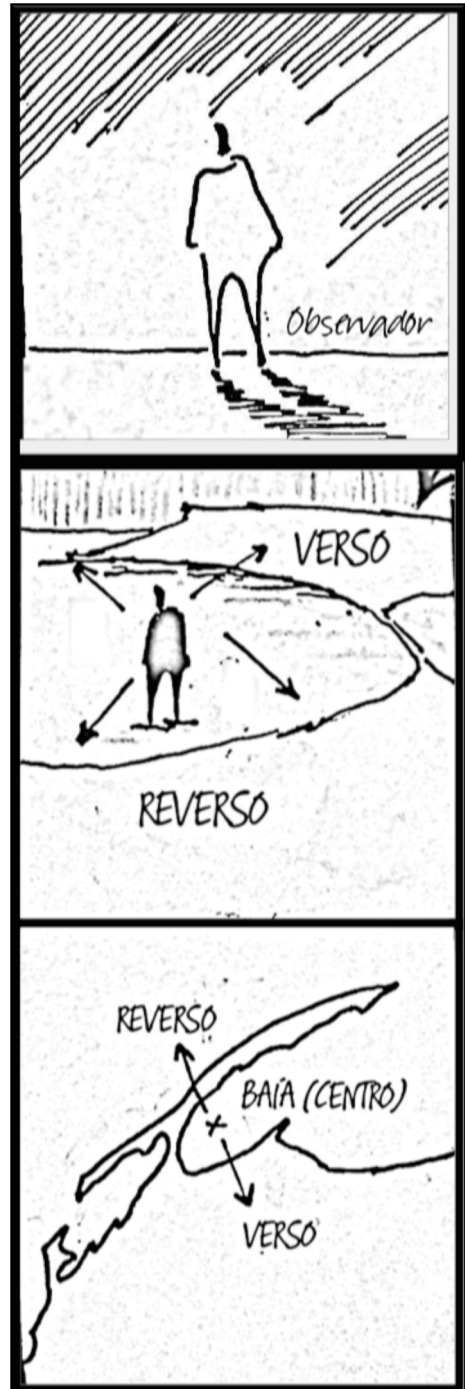
"As sequências não são apenas reversíveis mas também quebradas em muitos pontos [...] sequências que não sejam apenas reversíveis mas também passíveis de interrupções, isto é, sequências que conservem imaginabilidade suficiente, mesmo quando interrompidas em vários pontos, como uma revista periódica. Isto pode levar-nos do clássico começo-clímax-fim para outras formas que se aproximam mais dos modelos de jazz contínuos variados [...]"

Estas considerações referem-se à organização ao longo de uma única linha de movimento". (LYNCH, 2011, p. 117)

Portanto, Lynch refere-se ao reverso de imagens que não reclamam a obrigatoriedade de uma simetria rígida mas, antes, acontecem em diferentes ritmos compositivos. O reverso sugere oposição. Neste caso específico, ainda que represente o reverso, a Ilha não se opõe ao verso (a cidade); uma não existe sem a outra.

40.

Esquissos explicativos da ideia de irreversibilidade da paisagem da Baía de Luanda.

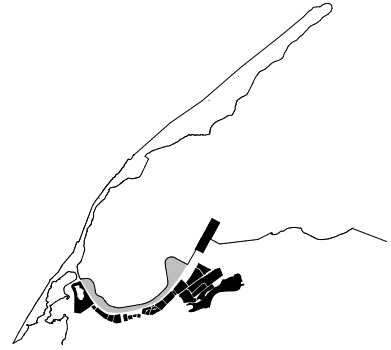


II.2.1.1. O VERSO

O verso da paisagem da Baía representa uma Luanda em mutação, diferente daquilo que foi no passado. É a marca da fusão entre o passado e o presente. É assim que transporta narrativas, dissimula histórias pessoais e colectivas, revela os valores do que lá nasceu, viveu e morreu, presentes na memória.

As transformações da paisagem, na sua dimensão simbólica, cultural e material, tem igualmente que ver com apropriações ideológicas dos intentos do poder e de um factor do progresso económico, decorrente de grande parte do seu dinamismo. A Marginal de Luanda localizada na Baía, terá sido alvo de uma profunda requalificação, iniciada em 2009. O projeto abrangeu diversas frentes de intervenções, nomeadamente o nível das águas e o impacto ambiental, a construção de novas infraestruturas e vias de comunicação, articuladas a espaços verdes e estacionamento de veículos. A sua inauguração terá sido celebrada em Agosto de 2012, ano em que termina a 1ª fase da intervenção.

A frente de construções que se estende ao longo da Av. 4 de Fevereiro, é também produto de uma paisagem urbana marcada pelos ritmos eufóricos de construções decorrentes na cidade. É comum, ao longo de várias ruas, depararmo-nos aqui e ali com construções em curso. Estas já não se vão inscrever nas referências do passado; em nada se assemelham às construções do tempo colonial. Diga-se de passagem que estamos perante uma ruptura da paisagem. Verificam-se transformações por mudanças de escala, de formas expansivas e imaginativas, de corpos sólidos e rígidos. Dispostos sobre o fundo neutro da cidade, à paisagem do verso, instável, densa, vasta e profunda, juntam-se múltiplas representações simbólicas, testemunhos da História e de territorialidades que se difundiram no tempo e ali foram deixando marcas e também ali são agora exaltadas, enquanto intérpretes na produção da paisagem. Uma vez vista de longe, do seu reverso — a Ilha de Luanda — a paisagem do verso é vaga e estática, passível de uma calma tranquilizadora que conquista o observador, anulando qualquer forma de instabilidade ou tensão retidas no seu interior. Atinge o esplendor à noite, com faixas eléctricas de luzes intermitentes, mergulhando num oásis tecnológico. E a Baía é, definitivamente, o local mágico



41.

Imagem ilustrativa do verso da paisagem da Baía, vista da Ilha de Luanda (o seu reverso), no período colonial e nos dias atuais (esta última, pertence ao arquivo pessoal da autora).

AUTOR: R.F.B.

Ano: s/d

[Consult. em 19 Novembro.2013]

Fonte: <http://espacotempo.files.wordpress.com/2006/10/saopaulo.jpg>.

42.

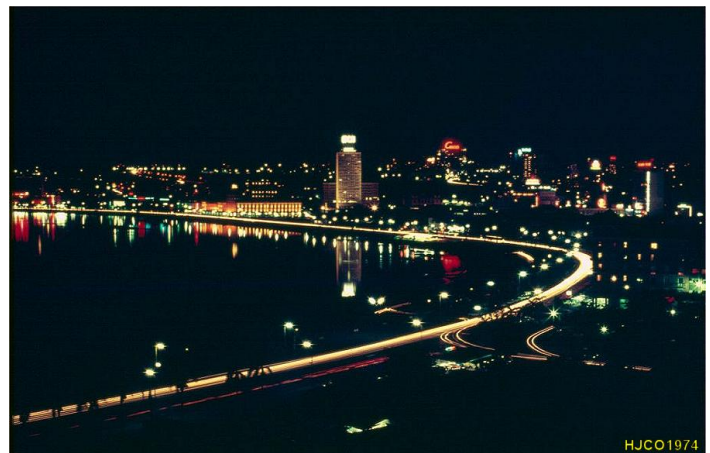
Aspecto da Baía de Luanda durante a noite.

AUTOR: Henrique J. C. de Oliveira.

[Consult. em 25 Maio.2015].

Ano: 1974.

Fonte: www.prof2000.pt



deste conjunto do seu verso da paisagem, transbordando uma sensualidade por vezes real e por vezes imaginária.

II.2.1.2. O VERSO — ENCOSTA DO MIRAMAR

Além do verso, existe um lugar que é, por excelência, uma das mais evidentes expressões naturais desta paisagem. Fruto de uma caprichosa topografia, do alto, assiste ao mágico cenário e ao enrolar de acontecimentos em torno da Baía de Luanda.

Apresentando uma forte influência na paisagem, a Encosta do Miramar é o lugar de que se trata, localizada nas franjas de transição da cidade alta, tendo diante de si a Baía e o seu reverso — a Ilha do Cabo.

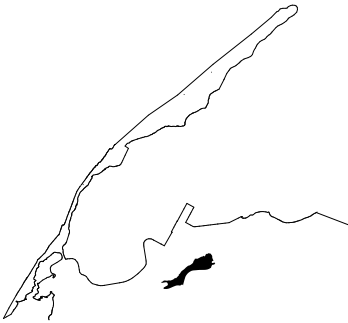
A Encosta do Miramar poderá ser mencionada provavelmente nos anos 60, altura em que se faz a abertura da modernização da cidade, criando-se a ligação do Bungo para o Kinaxixi e do Kinaxixi para o Miramar.

Embora o desenvolvimento da cidade tenha sido sempre muito lento, a partir da década de 20, esta zona adquire melhores condições, com a construção do caminho de ferro e outras infraestruturas, como o cemitério do Alto das Cruzes³⁸.

É igualmente por esta altura que se começa a pensar no arranjo da encosta. Os seus decalques naturais terão sido transformados, com altitudes que variam ao longo do seu perímetro. Desenvolve-se em plano inclinado, ligando o sopé das *Barrocas*, pela rua marginal do miramar (Eixo Viário) até à cidade Baixa. Apresenta uma área de percursos pavimentados encastrados no terreno, localizados do lado poente da encosta e outra de maciço arbóreo que persiste nas zona de transição para a cidade. Ao atravessar os percursos aqui existentes, estes revelam de forma progressiva as vistas sobre as diferentes zonas da paisagem.

A Encosta do Miramar torna-se, ela própria, o espelho das variantes topográficas, na sua estrita forma orgânica associada à composição livre do seu

³⁸ A este respeito, podemos, ainda, citar Pepetela [...] "O nome Alto das Cruzes servirá mais tarde para designar o antigo cemitério das classes dominantes, cujo muro e frontispício foram terminados em 1859, mas que já existia pelo menos quando foi edificada a Igreja da Nazaré (segunda metade do século XVII). " (JACOB, 2011, p.21)



A Encosta do Miramar.

43.
AUTOR: Eduardo Osorio
Ano: 1906
Fonte: (FREUDENTHAL , FERNANDES , JANEIRO, 2006
p. 116)

44.
AUTOR: J. C. L. Paiva
Ano:1971.
[Consult. em 28 Janeiro.2014]
Fonte: <http://www.flickr.com/search/?q=eixo+viário>.



relevo. Pelo que é importante perceber o forte carácter com que a encosta se apresenta vincada à malha urbana da cidade.

Do seu nome podemos ainda reter a distinta composição morfo-sintática "*mira*" e "*mar*", que remetem à noção de miradouro, no ato do "*olhar que se debruça sobre o mar*". O mar está na Baía, às portas do oceano Atlântico, onde se pode ter a visão do entorno. Mais do que isso, é aqui onde se pode entender a cidade segundo os diferentes ângulos que corporizam estas metáforas comparativas entre versos e reversos da paisagem, pelo poder de ampliação que se tem sobre o espaço. Destaca-se uma noção de "ilimitado", dada a dimensão de alcance de visão do espaço enquanto meio físico, em que o panorama intenso e extenso da cidade lê-se quase como um cenário: imagens citadinas na sua dinâmica inconstante; a multiplicidade de corpos verticais; o envolvimento do mar e da terra, entregues num profundo sensualismo; a exaltação da baía salpicada de embarcações; e ao fundo, toda a extensão da Ilha de Luanda representada no horizonte, num sentimento de distância infinita e imóvel.



45.

A paisagem da cidade vista da Encosta do Miramar. Note-se a estação de caminhos de ferro (Bungo) na última imagem.

Ano: 2014

Fonte: Imagens do arquivo pessoal da autora

II.2.1.3. O VERSO — A FORTALEZA DE S. MIGUEL

A análise que se segue ficará por conta do estudo de um espaço que se revela como um dos momentos mais marcantes da paisagem do verso da Baía.

Na transição entre o continente e a ilha — entre o verso e o reverso — existe um elemento em particular, que deixou a sua pegada como claro vestígio do passado, detendo uma afirmação notória. *Proeminente no morro que encabeça a "Alta" (e a mais importante), a fortaleza de São Miguel, dos sécs. XVII-XVIII (classificada, restaurada nos anos 1960) [...]*³⁹ é o espaço de que se fala.

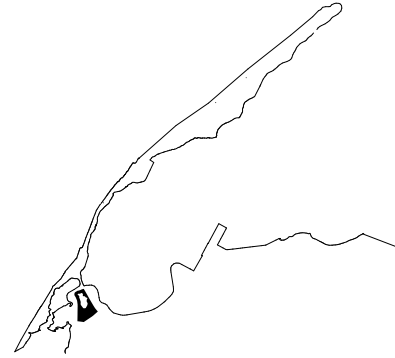
A Fortaleza de S. Miguel foi a primeira fortaleza a ser edificada em Luanda, coincidindo com o governo de Paulo Dias de Novais. Imponente, evocativa de poder, é um elemento da paisagem com um profundo significado de autoridade e controlo. A seu respeito, podemos ler:

"No alto do Morro, diz a lenda que Novais fez uma fortificação precária, mais tarde totalmente reformada antes da conquista dos Holandeses. Mas foram estes que terminaram a construção e em 1670 foi reconstruída e aumentada, com pedra e cal, recebendo então o nome de Fortaleza de S. Miguel. Ao longo da baía, entre os fortes, havia ainda fortins e baluartes". (PEPETELA, 1990, p. 33)

Como podemos perceber, o espaço físico foi sofrendo transformações ao longo dos tempos. A sua transformação progressiva surgiu nos diferentes períodos como uma tentativa de adaptação das antigas estruturas fortificadas às novas necessidades defensivas, tendo sido adoptadas soluções diferentes durante os reinados em que coincidiram as respectivas reformas. No período da ocupação holandesa⁴⁰, a designação da fortaleza — São Paulo — terá sido substituída para

³⁹ FREUDENTHAL, Aida; FERNANDES, José Manuel, JANEIRO, Maria de Lurdes, 2006 - Angola no século XIX Cidades, Território e Arquiteturas, p. 118

⁴⁰ Com a anexação de Portugal pela Espanha, em 1580, passam os Holandeses, inimigos da potência em exercício, a atacar as colónias da potência dominada. Fixam-se no Nordeste do Brasil e vão procurar, na costa de África, as quantidades avultadas de escravos de que carecem para a exploração das enormes plantações de cana-de-açúcar que ali entram em posse. (CARVALHO, 1989, p. 61)



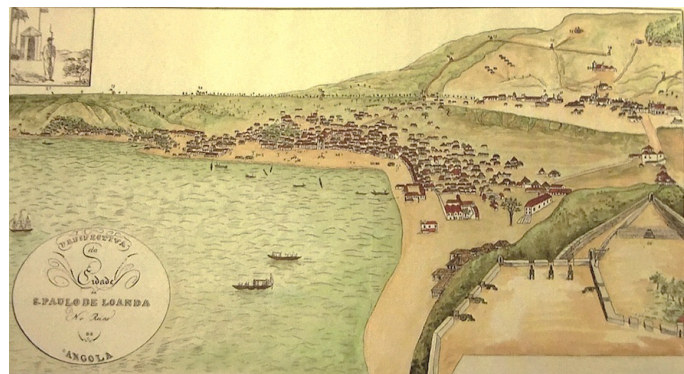
46.

Alçado da cidade de Luanda, onde é possível ver o perfil da Fortaleza de S. Miguel.

AUTOR: Desconhecido

Ano: s/d

Fonte: (FREUDENTHAL , FERNANDES , JANEIRO, 2006, p.29)



47.

Perspectiva da cidade de S. Paulo de Loanda no Reino de Angola. *Desenhado da Fortaleza de S. Miguel por A. P. da Cunha em 28 de Dezembro de 1816, por ordem do referido Capitão Geral e litografado em Paris em 1825 por Langleumé à custa do Major João Carlos Feo Cardozo de Castello Branco".*

AUTOR: A. P. da Cunha

Ano: 1816

Fonte: Fonte: (FREUDENTHAL , FERNANDES , JANEIRO, 2006, p. 30)

Fort Aardenburgh. Posteriormente o governo é recuperado pela Coroa Portuguesa, dirigido por Salvador Correia que a nomeia Fortaleza de São Miguel⁴¹.

Depois da independência de 1978, passou a funcionar como Museu das Forças Armadas.

A fortaleza de S. Miguel sintetiza questões de diferentes naturezas: paisagísticas, urbanísticas, funcionais e construtivas. Vamos essencialmente centrar-nos nestes diferentes níveis em que a sua estrutura vai atuar como um "nó estrutural"⁴² dentro do núcleo histórico da cidade; com a sua história como uma construção de referência, aliado à componente do tempo, da memória, que corporizará a identificação dos cidadãos com a construção em concreto. Como se pode ler:

*A tratadística da fortificação define como o melhor local de defesa e localização para as cidades seria junto ao mar". Esta perspetiva de defesa faria surgir as primeiras cidades brasileiras sempre junto da costa em locais protegidos por elementos naturais, factos também encontrados no caso de Angola, especialmente em Luanda e em Benguela com as suas fortalezas.*⁴³ (FONTE, 2007, p. 142)

A sua localização estratégica assegurava o controlo da Baía, da praia e de toda a vasta envolvente plana. O lugar garantia boas condições de embarque e possibilitava um bom funcionamento da Baía como Porto da cidade.

Do ponto de vista da sua implantação, encontra-se isolado no cimo de um morro, na intersecção de duas importantes artérias (Av. 4 de Fevereiro e a Av. Dr. Agostinho Neto), no extremo Norte da Baía. O morro segue ao longo da Praia

⁴¹ Santo de devoção de Salvador Correia.

⁴² Elemento de destaque na malha urbana, localizado na intersecção de duas artérias importantes.

⁴³ A este respeito pode-se dizer que este será o padrão adoptado nas cidades coloniais portuguesas (fortalezas localizadas em pontos estratégicos, de difícil acesso) muito diferente, por exemplo, das cidades espanholas que procuram locais planos para implementar as malhas.



48.

Fortaleza de S. Miguel.

AUTOR: João Loureiro

Ano: 1906

Fonte: (FREUDENTHAL , FERNANDES , JANEIRO, 2006, p. 118)

49.

AUTOR: Desconhecido

Ano: s/d

Fonte: (PEPETELA, 1990, p. 17)

do Bispo a acompanhar o ondulado do relevo, acabando por se diluir mais à frente pela Av. Dr. Agostinho Neto.

Desde cedo o seu recorte territorial se realçou como um elemento organizador do espaço. Inicialmente terá estabelecido o limite entre o aglomerado que se desenvolvia no sentido Sul-Nascente seguindo a direção da Praia do Bispo. Após a Barra da Corimba ter ficado assoreado, a cidade desenvolve-se para Norte, do lado oposto ao Morro da Fortaleza, mantendo o mesmo estatuto. Apresenta-se também como um elemento de forte impacto na paisagem na ligação entre continente/ilha e encontra-se nas malhas de transição entre a Cidade Baixa e a Cidade Alta, no anel que conforma a Baía. Porém, esta paisagem poderá sofrer uma forte descaracterização com a construção em curso de um Shopping Center no sopé do Morro da Fortaleza, no sentido em que a natureza das construções se distancia da linguagem da fortaleza.

A fortaleza vai atuar sob diferentes eixos. O eixo mais importante será aquele que passa pelo centro da Baía Luanda: tomemos um eixo transversal, que fará a divisão entre o verso da paisagem (cidade) e o seu reverso (Ilha de Luanda) mediando o diálogo entre um e outro. A fortaleza existirá então dentro deste eixo transversal. É um eixo de articulação, que confere continuidade física e simbólica, num sentido de polaridade que aponta para uma dualidade de relações espaciais. Tais relações são mediadas por um jogo de inversos estabelecido por esta linha imaginária de separação e ao mesmo tempo de união. Este será então o eixo ou, chamemos-lhe antes de charneira. Uma charneira que configura lugares intrinsecamente relacionáveis entre si.



50.

A Fortaleza de S. Miguel.

AUTOR: Desconhecido

Ano: s/d

Fonte: (PEPETELA, 1990, p. 31)

51.

Morro de S. Paulo e Praia do Bispo.

AUTOR: Desconhecido

Ano: s/d

Fonte: (PEPETELA, 1990, p. 17)

II.2.1.4. O VERSO — PORTO DE LUANDA

O Porto de Luanda representa desde cedo um elemento fundamental na cidade, especialmente pela simbiose entre o mar e a terra. A morfologia privilegiada do sítio portuário destacou-o pelo facto de ter escapado a fenómenos naturais de assoreamento ou de transformações da costa. Conserva até aos dias de hoje o mesmo perfil que tinha anteriormente e que permitia que fosse uma zona privilegiada de comunicação entre a terra e o meio aquático.

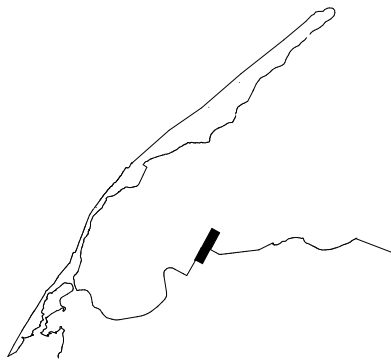
A atividade comercial representou sempre um factor essencial para o funcionamento da cidade, revelando-se principalmente como meio de comunicação e subsistência. Durante um longo período de tempo, o Porto de Luanda funcionava apenas para o tráfico Atlântico de escravos. A entrada e saída de navios negreiros era um processo que não exigia grandes infraestruturas. Só mais tarde, com a necessidade de dar resposta às condições da economia, torna-se necessário uma adaptação do Porto às transações que passaram a ser efectuadas. Pelo que, em 1934 constrói-se um novo cais. *"A Planta do Porto e Cidade de Luanda [...] inclui o conjunto da malha urbana existente nos anos de 1930, e os seus novos cais e pontões, com a ferrovia, etc".*⁴⁴

Apesar dos trabalhos de expansão, a infraestruturas ainda não se apresentava à altura. É mais tarde, em Março de 1941, altura em que é transferido para a Baía, que se concedem as obras de construção do Porto de Luanda. Trata-se de um acontecimento associado ao porto e à sua relação com a evolução da costa marítima.

"A entrada para o porto, por ação das correntes e erosão, foi transferida para a baía de Luanda, que passou a ser navegável, enquanto a barra da Corimba ficava assoreada. Segundo Cadornega, que escreve por volta de 1680, havia continuamente vinte barcos fundeados na baía, o que revela intensa actividade transportadora." (PEPTELA, 1990, p. 33)

Este é um período que coincide também com um momento de grandes impulsos urbanos e *"a data mais importante para a arquitectura portuguesa - a*

⁴⁴ FERNANDES, José Manuel, JANEIRO, Maria de Lurdes; FONTE, Maria Manuela, 2010 - Angola no século XX cidades, território e arquiteturas 1925 - 1975. p.57



52.

"Aspecto do Porto Comercial de Luanda, visto de longe, a partir da parte central da avenida Paulo Dias de Novais [...]"

AUTOR Henrique J. C. de Oliveira.

Ano:1974.

[Consult. em 25 Maio.2015].

Fonte: <http://www.prof2000.pt/users/secjeste/arkidigi/Luanda09.htm>.

53.

"Planta do Porto e Cidade de Luanda com indicação das obras projectadas inclui o conjunto da malha existentes nos anos de 1930, e os seus novos cais e pontões [...]"

AUTOR: Desconhecido

Ano: cerca dos anos 30

Fonte: (FERNANDES, JANEIRO, FONTE, 2010, p. 57).



"Exposição do Mundo Português" [...] A chamada arquitectura do "Estado Novo"⁴⁵ que se prolonga até finais de 50. Angola passa a adquirir "mais visibilidade, quer no interior quer no exterior [...] a participação de brancos e negros na vida económica e social [faz-se] de forma mais intensa, acentuando-se o carácter humano das relações raciais" ⁴⁶.

Com o fim da guerra civil, o crescimento económico passou a exigir uma infraestrutura mais moderna e o papel da zona portuária vai ganhando cada vez mais importância.

A frente de água urbana constitui um factor de grande importância no contexto da unidade de paisagem em estudo. O registo desta zona é estabelecido, precisamente, pela relação que estabelece com o centro da cidade, segundo uma lógica coerente na estrutura urbana. Enquanto que espaços como a Fortaleza de S. Miguel ostentam um perfil prepotente no recorte topográfico, organizando os elementos da estrutura urbana pela articulação de vias, o Porto de Luanda, no seu caso, vai-se definir como um limite físico da avenida marginal e também da própria baía em si.

A simbiose entre o porto e o centro urbano não se esgota neste conjunto de relações, tendo também motivações mais complexas e profundas. A condição do meio com elevado potencial natural em que insere, sustentada pela dicotomia terra-mar, possibilita a percepção das frentes de água urbana como um factor de grande importância no contexto da unidade de paisagem em estudo.

⁴⁵ PRADO, Roberto Goycoolea, et. al, 2011 - La Modernidad Ignorada, Arquitectura Moderna de Luanda, p. 68

⁴⁶ FERNANDES, José Manuel, JANEIRO, Maria de Lurdes; FONTE, Maria Manuela, 2010 - Angola no século XX cidades, território e arquiteturas 1925 - 1975, p.22



54.

Baía e antigo porto

AUTOE: Denise Tossain

Ano: s/d

Fonte: (PEPETELA, 1990, p. 42-43)

55.

A Praça Diogo Cão e o Edifício do porto de Luanda no fim da Marginal

AUTOR: Desconhecido

Ano: s/d

Fonte: (FONTE, 2007, p. 184).

II.2.1.5. O REVERSO

Do lado de lá do verso da, a norte, desdobra-se o reverso da paisagem da Baía: a Ilha do Cabo. Na imagem que compõe, a sua silhueta oscila entre os edifícios como uma coleção de fragmentos; a plenitude das palmeiras como corpos femininos; a cumplicidade frágil e sensual entre o mar e a terra, que reclama um território que julga seu; ao fundo figuram os majestosos navios de carga, flutuando na imensidão do mar. Nesta forma de aproximação entre dois elementos de diferentes naturezas — terra e mar — a ilha será revisitada e revisada sobre diferentes contextos, entre eles o histórico, o cultural e o paisagístico.

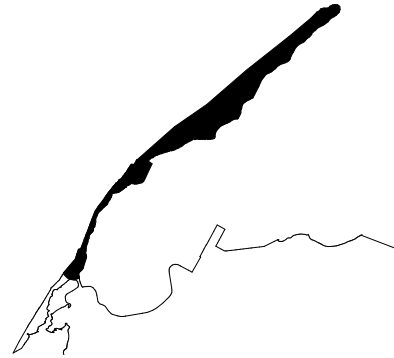
Falar sobre a Ilha é apreender determinadas sensibilidades ligadas ao seu espaço e, ao mesmo tempo, dar sentido às expressões metafóricas em torno deste debate. O mar assume desde logo o papel de uma fronteira territorial, entendida não como um obstáculo, mas como uma demarcação de territórios, independentemente da sua própria natureza física. Nessa condição específica, polarizam múltiplas identidades, onde a ilha não só participa como integra também a identidade da restante cidade.

Numa explanação que delimita o essencial sobre algumas características da ilha, podemos ler:

"[...] é uma faixa arenosa, baixa, formada pela sedimentação de areias enriquecidas com detritos orgânicos de origem vegetal e animal, e constitui uma das partes extremas do cordão de ilhas costeiras. Desempenhando a função de quebra-mar, forma com o continente (ao qual está hoje ligada) «um porto bem abrigado». Já teve maior extensão ([...] 60 quilómetros, por meia légua de largura no final do século XVII), mas devido à erosão, [...] andaré hoje pelos sete quilómetros, com uma largura que vai dos 50 aos 500 metros". (PRAÇA, 1999, p. 119)

*Como um dos melhores portos do litoral conhecido até ao século XVI, teve um papel fulcral em todo o processo da conquista do chamado reino de Angola*⁴⁷.

⁴⁷ AMARAL, Ilídio, 2000 - O Consulado de Paulo Dias de Novais: Angola no último quartel do século XVI e primeiro do século XVII — Angola; p. 77



56.

A Ilha de Luanda

AUTOR: Artur Ferreira / África Imagens

Ano: s/d

Fonte: (PRAÇA, 1999, p. 118)

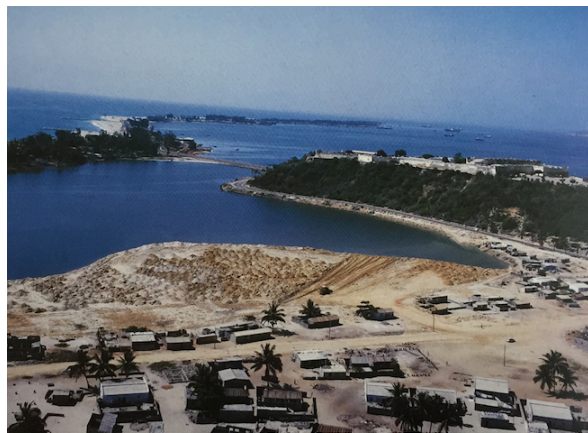
57.

Morro de S. Paulo e Ilha: braços de mar onde fundeou a frota de Novais.

AUTOR: Desconhecido.

Ano: s/d

Fonte: (PEPETELA, 1990, p. 15)



Era "feudo do rei do Congo"⁴⁸, habitada por "[...] gente de boa índole, pacífica, que não furtava, ao contrário do que sucedia no continente".⁴⁹ "[...] essa população africana era avaliada em cerca de 3.000. [...]"⁵⁰ e terão desde sempre habitado a ilha, vivendo em grupos de sete ou oito libatas⁵¹. Na sua maioria constituíam-se por "[...] pescadores e recolectores do zimbo, o pequeno búzio que constituía a "moeda" mais corrente naquele reino".⁵² Estes chamavam-se de "Axiluanda" (singular de Muxiluanda). "[...] proviria da junção de possessivos ao vocábulo Luanda (nome próprio da Ilha), o conjunto acabando por significar "gente de Luanda"⁵³. "Hoje há opiniões diferentes quanto à sua origem. Alguns autores defendem a origem "Konguesa" enquanto outros apontam para a "Kimbundo"⁵⁴. Terão desenvolvido uma relação muito especial com o mar. "Para eles, o mar não é meramente espaço físico, móvel, mutante, mas lugar de seu trabalho, de sua sobrevivência e sobre o qual dispõem de grande conhecimento acumulado"⁵⁵.

Foram eles que atribuíram à ilha o termo *Mwanzanga*, cujo significado é "Terra cercada de água". É uma designação fortemente marcada pela situação fronteiriça com o mar, cuja linha da marginal define o seu limite. Para além de *Mwanzanga*, a ilha assumiu outras designações ao longo dos tempos: outrora Ilha das Cabras; depois, Ilha do Dinheiro; atualmente Ilha do Cabo.

No início dos anos quarenta, uma série de fenómenos naturais resultam no desaparecimento de grande parte da Ilha de Luanda e o conseqüente desalojamento das populações que a habitava. Dados históricos confirmam que a ilha "terá estado mesmo ligada ao Mussulo. A barra da Corimba foi navegável e deixou de o ser."⁵⁶ Deste modo, os seus habitantes são forçados a transferir-se para diferentes zonas da cidade, entre musseques localizados em Luanda —

⁴⁸ A Coroa portuguesa queria tomar posse da Ilha, por um lado, para vibrar um golpe na economia congoleza, ao impedir-se que o rei Congo continuasse a tê-la como a sua "mineira", e, por outro lado, para assegurar posição estratégica tão importante para a conquista do reino de Angola, retirando-a da soberania congoleza. (AMARAL, 2000, p. 77)

⁴⁹ Ibidem

⁵⁰ Idem. p. 76

⁵¹ Nome dado às aldeias onde viviam os nativos da ilha.

⁵² AMARAL, Ilídio, 2000 - *O Consulado de Paulo Dias de Novais: Angola no último quartel do século XVI e primeiro do século XVII*; p. 76

⁵³ PEPETELA, 1990 - *Luandando*, p. 127

⁵⁴ Ibidem

⁵⁵ DIEGUES, António Carlos, 1998 - *Ilhas e Mares, simbolismo e imaginário*, p. 43

⁵⁶ PEPETELA, 1990 - *Luandando*; p. 128

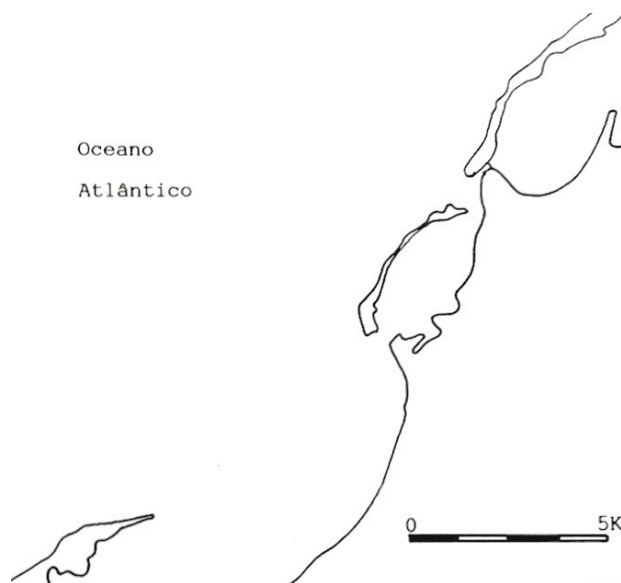
58.

Parte sul da ilha de Luanda em 1956

AUTOR: Junta das Missões Geográficas e de Investigação do Ultramar Português

Ano: 1956

Fonte: (CARVALHO, 1989, p. 69)



59.

Parte sul da ilha de Luanda em 1883

AUTOR: Junta das Missões Geográficas e de Investigação do Ultramar Português

Ano: 1883

Fonte: (CARVALHO, 1989, p. 69)



nomeadamente nos bairros de Sambizanga e Rangel - e a península do Mussulo. De modo a solucionar os problemas de erosão, em 1955, são adaptados [esporões]⁵⁷ *verticais à costa, para obstar à evolução do desaparecimento daquela formação sedimentar*⁵⁸ (Figura 60 e 61). Contudo, o desenho da ilha foi sofrendo alterações ao longo do tempo, pelos sedimentos arrastados pela maré (Figuras 43 e 44). "*Referências historicamente datáveis atribuem várias dimensões à ilha*"⁵⁹, que vão desde cinco léguas de comprimento com uma largura de cerca de meia légua, a vinte milhas por uma milha de comprimento, sendo que, "*nas partes mais estreitas do canal [em que se encontrava] vizinhíssima à terra [...] os ilhéus iam a nado até lá*"⁶⁰. Como se pode ver, a própria ligação que estabelecia com o continente ter-se-á também modificado. Esta ligação terá sido formada igualmente por um istmo⁶¹ de reduzida dimensão em que a cota do terreno permitia um bom acesso ao mar, tanto na costa norte como na costa sul. Este istmo, por sua vez, terá sido transformado na ponte Kianda no decorrer das obras de requalificação das Avenidas 4 de Fevereiro e Murtala Mohamed, agora responsável pela ligação com o continente (Figura 62 a 65). Porém, continua a prevalecer o seu envolvimento com o mar que, aliás, tal condição terá marcado a história da cidade: o mar precisamente.

Chamemos a atenção para o facto de a ilha não se limitar apenas ao estatuto de uma porção de terra cercada pelo mar. Nas suas margens existe um "*lado de lá*", que é o continente do qual praticamente não se desliga, nesta relação ilha, mar, continente. Não se pode considerar que a ilha se feche sob si mesma. Dificilmente se fala de Luanda sem considerarmos a ilha e vice-versa. "*A ilha, parece claro, não funciona "sem Luanda". Digamos que faz mesmo parte da*

⁵⁷ Estes esporões têm marcado a imagem da ilha desde muito cedo. *São obras de defesa costeira em betão ou enrocamento, dispostas em perfis perpendiculares à linha costeira, com um alinhamento retilíneo ou especial (em L, S ou Z). São usados em zonas afetadas por problemas de erosão causada pelas correntes de agitação costeira.* (LANGA, 2003, p. 76).

⁵⁸ CARVALHO, Ruy Duarte de, 1989 - Ana A Manda - Os Filhos da Rede, Identidade colectiva, criatividade social e produção da diferença cultural: um caso muxiluanda, p. 68

⁵⁹ Idem.

⁶⁰ AMARAL, Ilídio do, 2000 - O Consulado de Paulo Dias de Novais: Angola no último quartel do século XVI e primeiro do século XVII, p. 80

⁶¹ Na geografia, designa-se como *uma estreita faixa de terra que liga duas áreas de terra maiores (p.ex., unindo uma península a um continente ou separando dois mares) <i. do Panamá> | <i. de Suez>.*



Os esporões da ilha.

60.

AUTOR: Henrique J. C. de Oliveira

Ano: 1974

[Consult. em 25 Maio.2015].

Fonte: www.prof2000.pt/

61.

AUTOR: Desconhecido

Ano: s/d

Fonte: PEPETELA, 1990, p. 128)

cidade, o que lhe confere outra importância".⁶² No entanto, a sua realidade para quem a deseja ver, não se encaixará propriamente na imagem de ilha-paraíso a que muitas ilhas estão associadas. Por outras palavras, digamos que a Ilha de Luanda foge a esta condição de ilha-refúgio ou paraíso natural. O que não requer a negação do seu potencial natural. Ela torna-se antes reflexo de outros horizontes de significado.

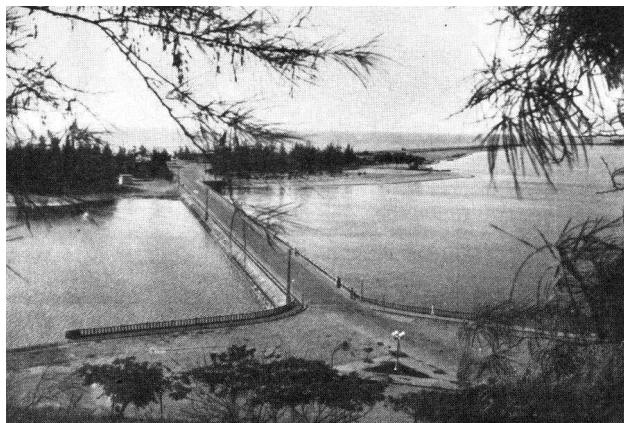
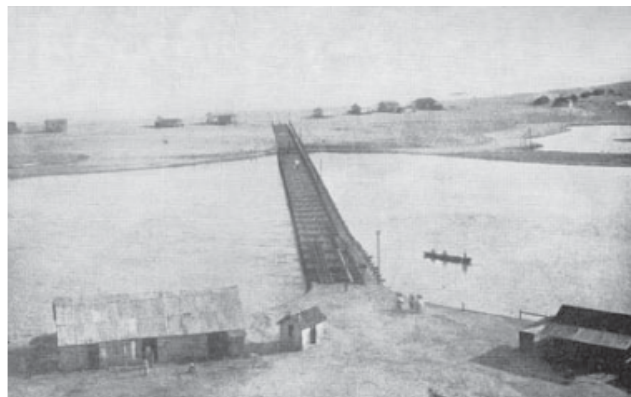
De uma paisagem rica em profundidade, com uma extensa via principal que a percorre de ponta a ponta (Av. Murtala Mohammed), o seu conjunto resulta numa imagem que agrega várias linguagens. Surgem "[...] *não só uma ou duas qualidades de forma, mas todas elas*"⁶³. Estas diferentes qualidades de forma existem no conjunto paisagístico da Ilha em que os edifícios se distribuem ao longo da extensa língua de terra, variando as distâncias entre si. Detetam-se duas ordens de problemas em que, por um lado existe uma paisagem simbólica com um significado místico e, por outro, elementos que se sobrepõem, revelando-se nessas justaposições o cenário de uma paisagem residual.

É de salientar que, à semelhança do verso da paisagem da Baía, também o seu reverso, a Ilha de Luanda, tem sido alvo de profundas transformações urbanas. A sua requalificação constou do mesmo projeto da Baía de Luanda, onde foram construídas novas faixas de circulação automóvel e asfaltadas as preexistentes, a criação de novos passeios, nova rede de saneamento básico, mobiliário urbano e sinalização rodoviária. Transforma-se assim a ilha num lugar renovado, considerando o seu panorama anterior, em que não deixa de ser uma área atrativa. Continua a verificar-se uma utilização intensa e localizada, pela elevada circulação de visitantes.

Eis então a Ilha de Luanda, que se destaca dentro do universo da unidade de paisagem em causa, pela sua condição, nomeadamente no que diz respeito ao seu carácter à sua história. Apesar das múltiplas dimensões de paisagem que suporta, fruto do intenso processo de criação de novas infraestruturas, a sua imagem transporta profundos sinais do passado.

⁶² PRAÇA, Afonso, 1999 - Saudades da Ilha de Luanda, p. 121

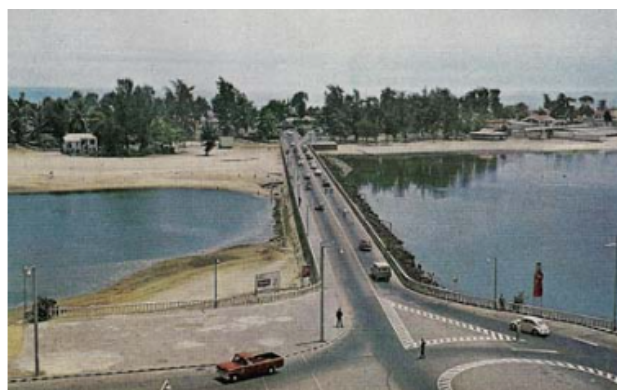
⁶³ LYNCH, Kevin, 2011 - A Imagem da Cidade, p. 114



Transformações da ligação entre a Ilha e o continente no decorrer dos anos.

62.
AUTOR: Desconhecido.
Ano: 1930.
Fonte: (CRUZ, p. 51).

63.
AUTOR: Desconhecido.
Ano: cerca de 1940.
[Consult. em 25 Maio.2015].
Fonte: www.prof2000.pt



64.
AUTOR: Desconhecido.
Ano: 1960.
Fonte: (CRUZ, p. 51).

65.
AUTOR: Henrique J. C. de Oliveira.
Ano: 1974.
[Consult. em 25 Maio.2015].
Fonte: www.prof2000.pt



II.2.1.6. O REVERSO — A FLORESTA DA ILHA

Ora, ao longo do percurso da ilha, entre o conjunto de construções existentes em toda a sua extensão, existe a Floresta.

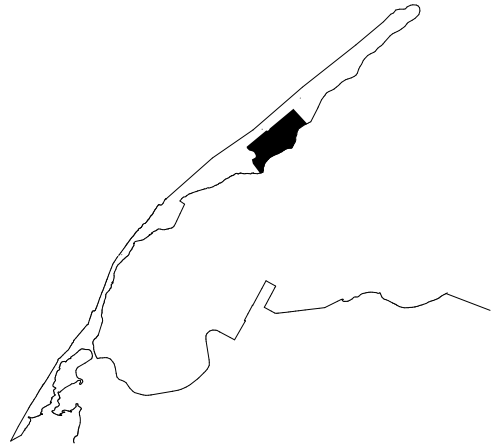
A Floresta é um fragmento verde, que surge de uma plantação (não se trata de vegetação espontânea). Localiza-se sensivelmente no centro do eixo longitudinal da Ilha do Cabo, criando um contraste que demarca a transição das construções da ilha e da sua mancha verde. Esta floresta apresenta-se homogénea, composta maioritariamente por casuarinas⁶⁴ e palmeiras. No seu interior, os caminhos são de terra batida, caminhos florestais e ocasionalmente um ou outro troço de alcatrão.

Não se pode tomar esta floresta no seu verdadeiro sentido de escala, na medida em que assume dimensões mais reduzidas. O seu contacto com a baía faz dela uma "floresta costeira" e, uma vez agregada à estrutura urbana, também pode ser considerada uma "floresta urbana". Sabe-se que o termo floresta urbana foi utilizado pela primeira vez em 1965, na América do Norte, no seguimento de um estudo sobre plantações de árvores municipais numa zona da área metropolitana de Toronto. De realçar que o referido conceito incluía uma perspetiva bastante abrangente, decorrente da participação de profissionais com diferentes formações, como silvicultores, arquitetos paisagistas e agrónomos.

As referências antigas, e considerando também as cartas cartográficas, são os indicadores de que já desde o século XVI, quando Paulo Dias de Novais chegou à Ilha do Cabo, que a Floresta se assume como parte integrante da planta cidade de Luanda. A Ilha terá tido um lazareto que, eventualmente, poderia ter-se localizado na Floresta.

⁶⁴ As casuarinas compreendem um grupo de cerca de 80 espécies de arbustos e árvores que são primariamente nativas para o hemisfério sul, a maior parte para a Austrália, onde ocorrem em regiões tropicais, subtropicais e regiões litorâneas temperadas assim como no interior seco. A Casuarina equisetifolia é uma espécie da família casuarinaceae e o nome Casuarina dado a este género é derivado de Casuarius (casuario), devido à semelhança de seus ramos pendurados com as plumas desta árvore de grande tamanho, parecida com a avestruz.

É conhecida com os seguintes nomes: *she-oak*, *beefwood*, *casuarina*, *pinus* australiano, *Filao*, *Bois de fer*, *eisenhol*, *kenlenbaum*, *agoho* (Filipinas), *casuarina* (Brasil) (apud. FERREIRA, 2004, introdução).



66.

Ilha, contra-costa frente à floresta.

AUTOR: Desconhecido.

Ano: 1971.

[Consult. em 13 Janeiro.2014].

Fonte: <http://kamussel.com>

Partindo do pressuposto de que a estruturação e expansão urbana da ilha esteve sempre ligada à evolução da Floresta, pode-se concluir que de igual modo esta também terá tido alterações no seu desenho.

Os usos da floresta modificaram-se muito ao longo dos tempos. Terá tido um projeto para parque de campismo organizado, passando a ser um local de atração procurado por milhares de pessoas, sobretudo aos fins-de-semana, para fazerem piqueniques e mergulharem nas águas da baía (de notar que estamos a falar de um período anterior a 1975). O acesso automóvel era condicionado em todo o seu perímetro e, ainda que os cidadãos tivessem entrada livre, o espaço era permanentemente vigiado. Nos dias de hoje, a Floresta da ilha encontra-se num estado lacunar, devido ao facto da sua administração ter ficado à quem das expectativas.

Vista de longe ou de fora, excepcionalmente numa perspetiva aérea, a floresta parece impenetrável, devido à sua densa massa vegetal. Diante de si, do lado de lá, o que se encontra é o intenso panorama sob o verso da paisagem da baía. É um ponto de vista que concede precisamente o exercício oposto ao da Encosta do Miramar, cuja paisagem visível era de toda a linha da avenida marginal, a baía e a panorâmica da extensa língua da ilha. Neste caso, a paisagem que se tem do lado de lá da cidade — o verso da baía — dificilmente passa despercebida. Basta um olhar para rechearmos a nossa mente com tamanho esplendor de uma paisagem que se ergue numa euforia avassaladora.



67.

Note-se na respectiva imagem, a mancha verde correspondente à Floresta da Ilha.

AUTOR: Desconhecido.

Ano: s/d.

[Consult. em 28 Janeiro.2014].

Fonte: www.flickr.com/search/?q=ilha%20de%20luanda

II.2.2. IDENTIDADE

Muitas vezes falamos da paisagem representada como um símbolo no mapa, a paisagem como uma curva de rio, uma sinuosidade de uma montanha quando, no entanto, a sua compreensão pode não se esgotar simplesmente nos sentidos. O processo de determinação dos seus traços, da sua identidade, pode ir mais além, fruto da interação entre os diversos elementos da paisagem. A identidade vai possibilitar um aprofundamento da essência dos lugares. O factor que interliga, relaciona e permite a criação de laços com esses mesmos lugares, é fruto da sua própria existência, daquilo que são e representam. Portanto, neste contexto em particular, identidade associa-se ao carácter. O carácter vai representar um complemento da própria identidade em si.

A definição de carácter da paisagem também pode ser encontrada na Convenção Europeia da Paisagem, em que é visto como *a expressão da identidade única de cada região*⁶⁵. O carácter vai definir um perfil absolutamente único, irrepetível e singular à unidade de paisagem urbana.

Enfocaremos algumas teorias de diferentes autores sobre esta temática relativa ao carácter:

O termo carácter pode ser encontrado em disciplinas como a Linguística, a Literatura ou a História Natural, em que se relaciona diretamente com a Teoria Geral da Caracterização.

A percepção do carácter, como componente de avaliação e classificação do espaço, vem da antiguidade, na qual *"os romanos acreditavam na existência protetora do lugar e do ser, e era a partir dessa premissa que se adquiria a essência e o carácter do lugar [...] acreditava-se que todo o ser independente possuía um genius, um espírito guardião, e que era esse espírito que dava vida às pessoas e aos lugares e determinava a sua essência"*⁶⁶.

⁶⁵ cit. in GOMES, Cláudia Margarida Macedo Pereira Ávila, 2011 - O Conceito de carácter da paisagem e a sua aplicação na gestão de áreas protegidas: caso de estudo dos Açores; p.15

⁶⁶ MARTINS, Raquel Monteiro, 2009 - A ideia de Lugar - Um olhar atento às obras de Siza

Autores como Christian Norberg Schulz (1991) partiram de pressupostos que envolvem estas mesmas noções teorizando sobre o conceito de carácter. Na sua teoria, Noberg-Schulz parte do pressuposto de espaço existencial, insurgindo-se contra a abordagem da Arquitetura Moderna a qual, na sua óptica, estaria implicada na ausência do carácter não só da envolvente dos edifícios, como da identificação do Homem com o Lugar. Ao reassumir a perspectiva romana de *genius loci*, Schulz defende:

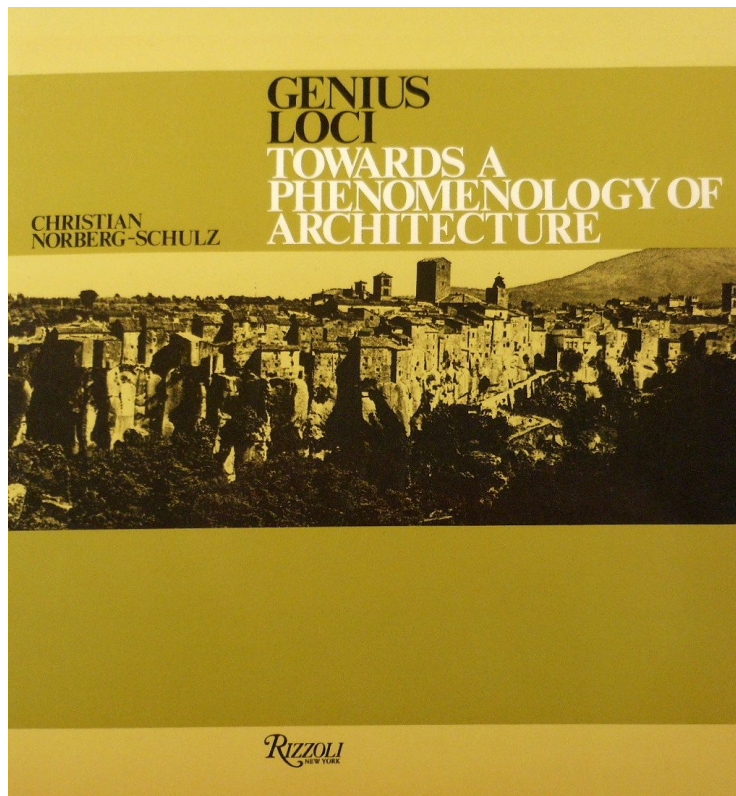
"O mundo, como lugar, é constituído por elementos que transmitem significados [...] a estrutura de um lugar, seja ele natural ou construído, é composta por duas categorias: o espaço (terra) e o carácter (céu), as quais, sendo analisadas pela percepção e pelo simbolismo, permitirão o suporte existencial, ou seja, a capacidade de habitar, ao homem [...] Quanto ao elemento carácter (céu) [...] "o espírito subjacente a qualquer lugar, que lhe dá identidade [...] Ergue-se no carácter próprio do ser existencial". (cit. in MARTINS, 2009, p.24-26-27-101)

Acrescentamos ainda:

"O Lugar, mais do que uma localização abstracta, é [...] uma totalidade composta por coisas concretas, com substância natural, forma, textura e cor. Juntas estas determinam o "carácter ambiental", o carácter do meio envolvente que é a essência do lugar". (cit. in PIRES, 2008, p.116)

Schulz encara a paisagem como uma unidade complexa que se rege segundo o contexto espacial e temporal em que se insere, adquirindo uma identidade específica através desses mesmos factores. Identidade, carácter, essência, vão refletir as características de um dado espaço natural. Sobre o carácter da paisagem, o mesmo autor afirma:

"O carácter da paisagem está relacionado com a sua identidade e unidade [...] reflete tanto a história natural como cultural de um território, num determinado momento [...] o carácter é dinâmico e está continuamente em mudança, mas é único para cada lugar, e



68.

Capa do livro de Norberg Schulz, onde trata de questões relacionadas com o conceito de lugar (*genius loci*). Como arquiteto da terceira geração do modernismo, insurgiu-se contra a produção da geração anterior, também denominada por Racionalista. As suas críticas apontaram para a vulgarização da arquitetura, promovendo ambientes pobres de significado, que permitissem a identidade por parte do homem.

tem um papel preponderante no estabelecimento da identidade [...] o carácter da paisagem é a expressão da identidade única de cada região. É facilmente reconhecível pela população, tanto residente como visitante, e importante para o estabelecimento da identidade local, regional ou nacional. O carácter da paisagem é, então, a expressão da essência holística da paisagem, e uma propriedade essencial da mesma". (cit. in GOMES, 2011 p. 15)

A paisagem da Baía em geral, vai manifestar o seu carácter pela sua morfologia, que envolve toda a sua matéria. Em conjunto, todos os factores e elementos que a compõem vão-se assumir como uma "personalidade" própria, à imagem do Homem que a transforma num lugar particular e inconfundível; em suma o *genius loci*. Daqui advêm os factores humanos, também eles interligados ao carácter, como consequência do modo como o Homem se irá apropriar do espaço. Uma vez aliados aos fenómenos culturais, os factores humanos vão também ditar o modo como a população local vai influenciar na imagem da paisagem da Baía. Isto significa dizer que temos de ter também em conta a história e a cultura intrínsecas na paisagem.

Neste universo, os elementos concretos que definem os traços visíveis do carácter da paisagem da Baía, resultam principalmente do conjunto dos seus factores naturais. Existe uma dinâmica natural ativa, em que factores como o clima, a vegetação e a topografia vão existir segundo uma lógica que concorre da identidade da paisagem da Baía. Vão também eles influenciar na dinâmica da paisagem. Como bom exemplo, temos o processo de erosão que levou a sucessivas transformações do perfil da Ilha de Luanda, originando o desenho que apresenta nos dias de hoje. Nas mesmas circunstâncias se deram os fenómenos naturais que impuseram ao local a divisão da cidade em dois sectores, ao qual podemos identificar a topografia do lugar como mais um traço do carácter da paisagem da Baía com forte influência na sua imagem. O carácter é ditado igualmente pelo modo como os seus elementos estão articulados entre si com base na condição da irreversibilidade da paisagem, atribuindo à Baía o estatuto



69.

Imagem ilustrativa do carácter da Baía, como fruto da sua própria morfologia.
Decifrar a Baía, passa também por interpretar o passado através das representações das
imagens da cidade, considerando a sobreposição das camadas do tempo.

AUTOR: Henrique J. C. de Oliveira.

Ano: 1973.

[Consult. em 25 Maio.2015].

Fonte: www.prof2000.pt/

que a torna única e irrepetível. Portanto, são ocorrências que se tornaram determinantes na identidade do lugar.

Como fenómeno característico de determinadas regiões, os factores climáticos contribuem para a definição do carácter da paisagem da Baía, na medida em que influenciam não só a vegetação nativa, como todos os restantes seres vivos do lugar. Luanda, encontra-se localizada numa zona tropical de savanas, com um clima classificado como tropical moderado. As várias espécies de vegetação em torno da paisagem da Baía, adaptam-se às condições naturais onde se inserem. O mesmo serve também para referir os solos e as cores que adoptam, em tons de vermelho, característico das "*areias africanas*"⁶⁷. Portanto, são estes elementos em concreto que se constituem como marcas que irão reforçar no carácter da paisagem da Baía. Cada fragmento da paisagem integra-se num conjunto mais amplo, criando-se um sistema que corresponde a critérios específicos relacionados com a morfologia do território e o carácter do lugar. É certo que se estivéssemos perante um clima glacial ou até mesmo desértico, poderíamos contar com a presença de outros factores naturais e, conseqüentemente, de uma coleção de paisagens diferente. As ilustrações que se seguem auxiliam a retratar o conjunto de climas e relevos como factores naturais influenciadores do carácter das paisagens.

Porém, entre todos estes factores naturais, o que mais se destaca neste conjunto, do qual o próprio carácter da paisagem da Baía decorre em si, é precisamente a presença do mar. A sua importância, antes de mais, advém do simples facto de Luanda se ter feito cidade devido à presença deste elemento fundamental. O mar concede unicidade a esta paisagem e uma expressão simbólica, produto das suas circunstâncias particulares. A afinidade entre o mar e a terra é um fenómeno que opera através de um intenso significado cultural. A paisagem da Baía de Luanda, o lugar como espaço físico, vai estar muito mais além de uma mera representação gráfica, seja ela uma fotografia, uma planta de implantação ou cartografia a uma determinada escala, pela sua condição fronteiriça com o mar.

Em suma, o carácter vai abarcar tudo aquilo que esta unidade de paisagem urbana representa: a paisagem de um verso e de um reverso; a paisagem embebida na forma natural do relevo expressa na Cidade Alta e na Cidade Baixa; a paisagem de um mar imenso que cria a unidade do conjunto; a história da cidade.

⁶⁷ Expressão usada por Isabel Henriques. (HENRIQUES, 1997, p. 112)



O clima como marca da identidade dos lugares. Chamemos à atenção para os tons avermelhados do solo onde se implanta o embondeiro, em contraste com o clima glacial da cidade de Nuuk.

70.

AUTOR: Desconhecido.

Ano: s/d.

[Consult. EM 30 Junho.2015].

Fonte: www.silnunesprof.blogspot.com

71.

AUTOR: Desconhecido.

Ano: s/d.

[Consult. em 30 Junho.2015].

Fonte: www.trekearth.com

II.2.3. SIGNIFICADO

II.2.3.1 A IMAGEM-SÍNTESE

Como sabemos, a unidade de paisagem em estudo coincide com o centro de Luanda. Esse é um dos motivos que a leva a caracterizar-se por um lugar de muitos usos, em constante diálogo com as euforias e dinamismos do intenso processo de urbanização, com os artifícios da perigosa jornada diária, com as tradições, com a informalidade do comércio, projectados naquela que é a desordem do fenómeno urbano em si. Uma vez inserida no coração da cidade, torna-se importante estabelecer uma correspondência entre os factores históricos aliados à ideia de centro urbano. Decorrente da análise feita em capítulos anteriores, pôde-se perceber que o centro de Luanda retém um profundo volume de factos históricos, que marcam a evolução da cidade desde a sua origem até à fase de urbanização atual. Tais factos são portadores de uma riqueza de referências, que traduzem de maneira significativa a memória da cidade. Portanto, pela sua localização esta unidade de paisagem é capaz de narrar a história de Luanda. Os factos históricos que, uma vez revalorizados, poderão atuar no modo como os indivíduos se identificam com o lugar. Sobre a identidade dos indivíduos com o lugar podemos ler:

"Cada indivíduo tem uma imagem própria e única que, de certa forma, raramente ou mesmo nunca é divulgada, mas que, contudo, se aproxima da imagem pública e que, em meios ambientes diferentes, se torna mais ou menos determinante, mais ou menos aceite." (LYNCH, 2011, p. 51)

De acordo com o enunciado, entende-se que nas cidades em que vivemos dispomos de determinados pontos de referência, que servirão para nos situar no tempo e no espaço. Tratam-se de lugares com os quais nos identificamos, sejam eles espaços usualmente percorridos, ou espaços que existiram numa época diferente daquela em que vivemos. Dificilmente poderíamos identificar-nos com um lugar do qual tivéssemos referências absolutamente nulas. Portanto, para que se considere um processo de identificação com os lugares, temos de conhecer a

sua essência, conhecer a sua história, para criarmos relações de proximidade. Os lugares adquirem uma identidade, tornam-se uma referência em nossas memórias, precisamente pela sua especificidade que advém do seu carácter. Sendo que, *"todo o cidadão possui muitas relações com algumas partes da sua cidade e a sua imagem está impregnada de memórias e significações"*⁶⁸. A paisagem da Baía desencadeia uma série de imagens de referência, vinculados ao passado e ao presente. Relembramos pois, que a Baía não existe sozinha. Ao falar da paisagem da Baía, tomam-se vários pontos de referência que se configuram como imagens construídas não individualmente mas em conjunto, traduzindo imagens públicas carregadas de símbolos e identidade. Também a Ilha do Cabo e os restantes elementos da unidade de paisagem, vão existir como um sistema de referências que retratam Luanda em conjunto com a Baía: tanto no que diz respeito à sua associação aos elementos naturais e à paisagem, como à história da cidade. Para além de elementos da unidade de paisagem urbana, vão atuar também como elementos que orientam a cidade, contribuindo para relações de familiaridade e identidade. Neste sentido, a paisagem da Baía passa a ser, portanto, a imagem que se retém da cidade: sabemos que nos encontramos em Luanda através da Baía; é o nosso ponto de referência. A Baía significa então uma referência; um símbolo. Juntamente com os restantes elementos da unidade de paisagem, vão compor a imagem-síntese da cidade de Luanda. O reconhecimento como a imagem-síntese poderia passar pelos sentidos, com a apreensão táctil, pelo reconhecimento de formas, texturas, intensidades ou temperaturas. Mas, neste caso, apresenta-se como algo mais do que isso: soma-se a realidade histórica, com o imaginário e o olhar colectivo sobre a cidade.

Será uma imagem como reconstrução simbólica da paisagem da Baía de Luanda, que abrange não só as imagens registadas pelo sistema visual mas, acima de tudo, as imagens que habitam a memória como símbolos, ícones ou referências. Conforme podemos ler:

"Estas imagens podem ser organizadas de modos diversos. Podem ser um sistema abstracto e generalizado de referências, por vezes explícito, por vezes uma forma habitual de referência às localizações ou relações de características". (LYNCH, 2011, p. 130)

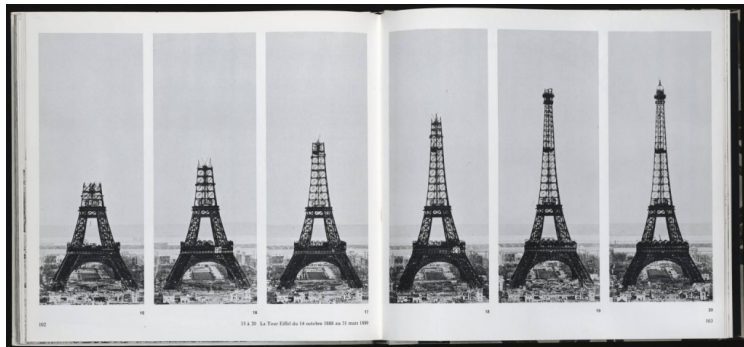
⁶⁸ LYNCH, Kevin, 2011 - A imagem da Cidade, p. 9

Do modo como é olhada e percebida por cada indivíduo, a construção da imagem da Baía terá um lugar no imaginário das pessoas.

As imagens ilustram algumas cidades de potencial sugestivo, fora do contexto africano, mas que à semelhança do caso de estudo, também os seus centros urbanos constituem-se como referências não só dentro das cidades onde se inserem, como a nível mundial (Figura 72 e 73). Representam-se como verdadeiros ícones europeus, em que ao elemento natural associa-se o ponto de referência. Temos o caso de cidades como Paris. Paris transporta-nos inevitavelmente para a Torre Eiffel , o rio Sena, a ilha de França. Do mesmo modo podemos mencionar Nova Iorque, circundada pela água de Manhattan e as estátua da Liberdade. A estas cidades associam-se os seus símbolos construídos associados aos seus elementos naturais, ambos reconhecidos por uma vasta colectividade. Sobre esta temática Lynch destaca:

"É difícil pensar Chicago sem imaginar o lago Michigan. Seria interessante verificar como a maioria dos habitantes desta cidade começaria por desenhar o mapa de Chicago, delineando no papel qualquer outro aspecto que não a linha definidora da costa deste lago. [...] Contudo, avistar Chicago do lado do lago é inesquecível".
(LYNCH, 2011, p. 70)

Ainda sobre o debate do impacto do mar nas cidades costeiras, vemos que o exemplo da cidade de Chicago dado por Lynch assemelha-se ao caso de estudo, no sentido em que seria igualmente difícil pensar em Luanda sem imaginar a sua Baía. Irremediavelmente será sempre esta a imagem que se reterá da cidade. Nestas paisagens, o mar em si é identificável como um ponto de referência com um claro significado simbólico. Digamos que se tratará quase de um processo interativo e de uma série de relações vinculadas a imagens mentais.



O símbolos de uma cidade (naturais e construídos)

72.

AUTOR: Desconhecido

Ano: s/d

[Consult. em 25 Maio.2015]

Fonte: www.artewithoutlimit.wordpress.com

73.

AUTOR: Desconhecido

Ano: 1888-1889

[Consult. em 25 Maio.2015]

Fonte: www.encontradordebelezas.blogspot.pt

A paisagem desempenha, também, um papel social- O ambiente identificado, conhecido de todos fornece material para lembranças comuns e símbolos comuns, que unem o grupo e permitem a comunicação dentro dele. A paisagem funciona como um sistema vasto de memórias e símbolos para a retenção dos ideias e da história do grupo. (LYNCH, 2011, p. 129)

Apoiados no exposto, entende-se que quer seja o mar, a topografia ou outros factores naturais, estes elementos ficarão memorizados no intelecto das pessoas, contribuindo para a representação de uma imagem-síntese da paisagem Baía de Luanda. Os elementos naturais, altamente ricos em conteúdos, vão intervir na paisagem da Baía como uma referência e imagem-síntese da cidade, através também do cruzamento de diferentes fenómenos, como os factores históricos.

Pelos factores referidos que estão implicados na sua existência, esta unidade de paisagem urbana vai representar a imagem-síntese de Luanda como um espaço secular, sagrado; um espaço pessoal e colectivo; é natureza, cidade, rua e casa. Infalivelmente, a Baía irá reter em si as marcas do olhar daqueles que descortinaram o fascinante panorama do seu passado e do seu presente.

CONCLUSÃO

Este trabalho consistiu num estudo sobre unidade de paisagem urbana situada no centro da cidade de Luanda, a Baía de Luanda.

Falou-se da paisagem da Baía, tendo como base a definição convencional de paisagem. Seguiu-se uma análise da sua paisagem segundo três componentes fundamentais — a estrutura, a identidade e o significado.

Definiu-se a Baía de Luanda como o centro da unidade de paisagem urbana, em que os seus elementos estruturais icónicos são compostos por quatro pontos — o Porto de Luanda, a Fortaleza de S. Miguel, a Encosta do Miramar e a Ilha de Luanda. Através destes factores foi possível não só refletir sobre o sentido de percepção da paisagem, caracterizada pela imagem de um verso e de um reverso, como perceber que o carácter da paisagem em estudo é fruto da individualidade, unicidade e expressão simbólica da Baía.

Conclui-se que a unidade de paisagem urbana representa a cidade de Luanda, tendo um conjunto de elementos fundamentais para conservar a ideia da sua imagem. A esta imagem, designámos de imagem-síntese. Portanto, é essencialmente uma referência importante no interior da cidade marcada pelo seu carácter e pela sua história enquanto fenómeno urbano e artefacto humano.

A resposta a este trabalho apresenta-se como fruto de um longo processo de conhecimento, que não surgiu de uma descoberta iluminada. Os objectivos não terão sido cumpridos na sua totalidade, pela dificuldade de acesso / escassez de alguma informação e de estudos semelhantes. Não foi possível ir mais longe no aprofundamento da definição da unidade de paisagem urbana, pelo que ficamos apenas pelos seus elementos estruturais. Chamemos à atenção para o facto de que a Baía não se esgota nestes elementos. Há uma outra dimensão da unidade paisagem que não foi estudada, no que diz respeito aos seus elementos secundários que ocupam o espaço entre os elementos estruturais e a Baía. Neste sentido, reconhecemos que este é um trabalho que merece ser aprofundado por outros estudos, deixando portas abertas para essa investigação.

Contudo, escrever sobre a paisagem do centro de Luanda, foi útil, a fim de revitalizar os olhares e juízos acerca da sua paisagem e promover o seu reconhecimento. Espera-se uma justa divulgação deste trabalho, não só no campo disciplinar da arquitetura, como em outras áreas do saber.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros:

ÁLVAREZ, Darío, 2007 - *El jardín en la arquitectura del siglo XX*. Barcelona: Reverté.

ASSUNÇÃO, Guilherme José Ferreira de, 1993 - *"Narrativas dos Povos de Angola"*. Mafra: Rolo e Filhos.

AMARAL, Ilídio do, 2000 - *"O Consulado de Paulo Dias de Novais"*. Lisboa: Instituto de Investigação Tropical.

AMARAL, Ilídio do, 1996 - *"O Reino do Congo, os Mbundu (ou ambundos), O Reino dos "Ngola" (ou de Angola) e a Presença Portuguesa, de Finais do século XV a Meados do século XVI"*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical.

AMARAL, Ilídio do, 2000 - *"O Rio Cuanza (Angola), da Barra a Cambambe: Reconstituição de aspectos geográficos e acontecimentos históricos dos séculos XVI e XVII"*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical.

BATALHA, Fernando, 2006 - *"Angola - Arquitectura e História"*. [s.l.]: Assírio Bacelar.

CARVALHO, Ruy Duarte de, 1989 - *"Ana A Manda, Os Filhos da Rede. Identidade colectiva, criatividade social e produção da diferença cultural: um caso muxiluanda"*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical.

CORBUSIER, Le, 2010 (1ª ed. 1969) - *"Maneira de pensar o urbanismo"*. Lisboa: Publicações Europa.

CRUZ, José Ribeiro da, (1940) - *"Resumo da História de Angola"*. Lisboa: Oficina Gráfica do Anuário

DGOT, Direção Geral do Ordenamento do Território, Ministério, 1992 - "*Espaços verdes urbanos*". Lisboa: Ministério do Planeamento e da Administração do Território.

DIEGUES, António Carlos, 1998 - "*Ilhas e Mares, simbolismo e imaginário*". São Paulo: Hucitec.

FARIELLO, Francesco, 2000 - "*La arquitectura de los jardines. De la antigüedad al siglo XX*". Madrid: Mairera/Celeste.

FERNANDES, José Manuel, 2002 (1ª ed.) - "*Geração Africana. Arquitectura e Cidades em Angola e Moçambique, 1925-1975*". Lisboa: Livros Horizonte

FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; FREUDENTHAL, Aida, 2006 - "*Angola no Século XIX. Cidades, Território e Arquitecturas*". [s.l.]: Banco de Fomento de Angola / Fundação Portugal África.

FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Maria de Lurdes; FONTE, Maria Manuela, 2010 - "*Angola no Século XX. Cidades, Território e Arquitecturas, 1925-1975*". [s.l.]: BFA, Fund. Port. África, Grupo Rangel e Sociedade de Advogados Miranda, Correia, Amendoeira & Associados.

FERREIRA, Maria das Graças Rodrigues, 2004 - "*Potencialidades de Utilização da Casuarina equisetifolia em Reflorestamentos*". Porto Velho: Embrapa Rondônia.

FONTE, Maria Manuela Afonso da, 2007 - "*Urbanismo e Arquitectura em Angola - de Norton de Matos à Revolução*" (Tese de Doutoramento) - Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa

HENRIQUES, Castro Isabel, 1997 - "*Percursos da Modernidade em Angola: Dinâmicas comerciais e transformações sociais no século XIX*". Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical / Instituto da Cooperação Portuguesa.

JELICOE, G. & S., 1975- "*El paisaje del hombre. La conformación del entorno desde la prehistoria hasta nuestros días*". Barcelona: Gustavo Gili.

LOURO, Margarida, et. al, 2009 - "*Casas para um Planeta pequeno - Projecto Angola Habitar XXI. Modelos Habitacionais em territórios de macro povoamento informal*". Lisboa: Pixelprint.

LAMAS; José Manuel Ressano Garcia, 2004 - "*Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*". [s.l.]: Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

LYNCH, Kevin, 2011 (1ª ed. 1960) - "*A Imagem da Cidade*". Lisboa: Edições 70.

MARTINS, Isabel Martins; FERNANDES, José Manuel; FERNANDES, Manuel Correia, 2010 - "*Património de Influência Portuguesa - Luanda (São Paulo de Luanda), Enquadramento Histórico e Urbanismo*". [Em linha]. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian - [Consult. em 24 Janeiro. 2014]. Disponível em <http://www.hpip.org/def/pt/Conteudos/Navegacao/NavegacaoGeograficaToponimica/Localidade?a=285>

PEPETELA, 1990 - "*Luandando*". [s.l.]: Elf Aquitaine.

PRADO, Roberto Goycoolea, et al. 2011 - "*La Modernidad Ignorada, Arquitectura Moderna de Luanda*". Alcalá de Henares: Universidade de Alcalá.

ROSSI, Aldo, 2001 (1ª ed. 1996) - "*A Arquitectura da Cidade*". Chamusca: Edições Cosmos.

SANTOS, Romeu Mendes dos, 1989 - "*Plantas úteis de Angola. Contribuição Iconográfica - II*". Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical.

Teses inéditas:

COELHO, Henrique, 2012 - "*Pintura de Paisagem em Portugal no século XX*". (Tese de Mestrado) - Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

COSTA, Rita Bibe da, 2009 - "*Cidades de Água. Relações entre as cidades e as suas frentes de água*". (Tese de Mestrado) - Instituto Superior Técnico da Universidade Técnica de Lisboa.

CRUZ, Diogo Alexandre Pedrosa Amaral da, 2012 - "*Memórias de um Mercado Tropical*". (Tese de Mestrado), Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

FERRAZ, Susana, 2005 - "*Espaço Público de Luanda. Património arquitectónico colonial angolano e português*" (Tese de Mestrado), Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

JACOB, Berta Maria Oliveira, 2011 - "*A Toponímia de Luanda. Das memórias coloniais às pós-coloniais*". (Tese de Mestrado) - Universidade Aberta.

LANGA, Jânio, 2003 - "*Erosão Costeira na Cidade de Maputo. Causas. Considerações sobre Intervenções de Defesa*". (Tese de Mestrado) - Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto.

MACEDO, Cláudia, 2011 - "*O Conceito de carácter da paisagem e a sua aplicação na gestão de áreas protegidas: caso de estudo dos Açores*". (Tese de Doutoramento) - Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa.

MARQUES, Jorge Silva, 2006 - "*As Imagens do Desenho, Percepção Espacial e Representação*". (Prova de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica) - Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

MARTINS, Raquel Monteiro, 2009 - "*A ideia de Lugar - Um olhar atento às obras de Siza*" (Tese de Mestrado) - Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

PIRES, Amílcar de Gil e, 2008. *"Caráter da Arquitectura e do Lugar"*. (Tese de Doutoramento) - Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa.

RAINHA, Ana Paula Parreira Correia, 2007 - *"O Discurso Crítico da Cidade Moderna: os anos 60 e 70: uma análise histórica e documental"*. (Tese de Doutoramento) - Universidade Portucalense.

TAVARES, Rui Fernando de Jesus Bastos, 2013 - *"Recentricidade. Memória e refundição urbana. Território. Cidade. Arquitectura"*. (Tese de Doutoramento) - Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Artigos em revistas:

MARQUES, Caroline Salgueiro da Purificação; AZUMA, Maurício Hidemi; SOARES, Paulo Fernando - *"A importância da arquitetura vernacular"*. *Akrópolis, Umuarama* [Em linha] v. 17, nº. 1, p. 45-54, jan./mar. 2009 - [Consult. em 19 Novembro. 2014]. Disponível em <http://revistas.unipar.br/akropolis/article/viewFile/2842/2110>

PRAÇA, Afonso, 1999 - *"Saudades da Ilha de Luanda"*. *Camões: revista de letras*, n.º 2, Julho-Set 1999, p. 117- 123

Comunicações a congressos ou seminários etc

ARAÚJO, Ilídio de, 1980 - *Jardins, Parques e Quintas de Recreio no Aro do Porto in Actas do Colóquio "O Porto na Época Moderna*, vol. III". Porto, 1980, pp. 375 - 387

DECRETO-LEI n.º 4/2005. Cap. I. Artigo 1º a) [Em linha] Gabinete de Documentação e Direito Comparado. Convenção Europeia da Paisagem. Florença: 20. Out. 2000 [Consult. em 19 Novembro.2014]. Disponível em http://www.culturante.pt/fotos/editor2/2000-convencao_europeia_da_paisagem-conselho_da_europa.pdf

PARDAL, Sidónio - "A Estética da Paisagem" in *Seminário Sustentabilidade e Usos Sociais dos Parques Urbanos - Estratégias e Trajetórias*. [Em linha] Vila Nova de Famalicão, 2012. [Consult. em 30 Janeiro. 2014]. Disponível em <http://www.sidoniopardal.com/conferencias.html>

RIO, Rui, et. al - "Parques Urbanos e Metropolitanos - Manuel de Boas Práticas" in Congresso Internacional de Parques Urbanos e Metropolitanos. Centro de Congressos do Porto / Alfândega, 2006

TOURINHO, Andréa de Oliveira - "A arquitectura e a Geografia na construção do Urbanismo Moderno e contemporâneo: em busca de uma identidade" in *IX Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*. [Em linha] FAU-USP, 2006, p. 1 - 22 - [Consult. em 7 Agosto. 2014]. Disponível em <http://unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/.../1062>

Nota: Jandira Costa, A Paisagem de Luanda. Verso e Reverso da Baía, 2015.